

A COLEÇÃO
COMPLETA

A
OBSESSÃO
DO BILIONÁRIO

Simon

AUTORA BEST-SELLER DO NY TIMES E DO USA TODAY

J.S. Scott



A Obsessão do Bilionário

A COLEÇÃO COMPLETA

Minha Esta Noite

Minha Por Enquanto

Minha Para Sempre

Completamente Minha

J. S. SCOTT



A Obsessão do Bilionário: A Coleção Completa (Minha Esta Noite, Minha Por Enquanto, Minha Para Sempre, Completamente Minha)

De J.S. Scott

Copyright © 2015

Todos os direitos reservados.

Inclui:

Minha Esta Noite

Minha Por Enquanto

Minha Para Sempre

Completamente Minha



Contents



[Minha Esta Noite](#)

[Minha Por Enquant](#)

[Minha Para Sempre](#)

[Completamente minha](#)

[Página do Contato](#)



Minha Esta Noite



Minha Esta Noite: Livro Um -
Trilogia de A Obsessão do Bilionário

De J . S . Scott

Copyright© 2012 de J. S. Scott

Todos os direitos reservados.



Capítulo 1

Simon Hudson estava parado silenciosamente nas sombras do saguão opulento, com as mãos nos bolsos da calça jeans e um dos ombros apoiado no batente de uma janela grande virada para a rua. O corpo inteiro estava tenso e os olhos castanhos escuros varriam a calçada com o foco intenso e completo de um louco.

Onde diabos ela está? São dez e quarenta.

Ele sabia que Kara estava trabalhando naquela noite. Nas duas noites anteriores, ela não fora trabalhar por motivos de saúde, mas voltara ao trabalho no restaurante de Helen, atendendo às mesas no turno de plantão. Ele conferira. A mãe dele era proprietária do bistrô onde Kara trabalhava e era geralmente bem direta com as informações quando Simon perguntava, mas ele era cuidadoso. Se não fosse, a mãe o perseguiria para descobrir por que queria informações sobre Kara. A mãe era maravilhosa, mas era inquisitiva, e se transformaria em um cão de caça atrás de um rastro se achasse que o interesse de Simon não era casual. Ele seria encurralado até a morte, com a mãe querendo saber exatamente quais eram as intenções dele com Kara.

Simon franziu a testa. Não que ele tivesse qualquer intenção. Ele tinha fantasias e todas envolviam Kara deitada na cama dele, gritando seu nome enquanto a fazia gozar sem parar.

Simon respirou fundo e soltou o ar lentamente, tentando fazer com que o corpo relaxasse e dizendo a si mesmo que devia estar maluco por ficar exatamente na mesma posição, noite após noite, por causa de uma mulher a quem nunca fora apresentado oficialmente. Mas lá estava ele... de novo, de costas para o porteiro curioso, espiando pela janela como um perseguidor desequilibrado, querendo ver Kara Foster, nem que fosse de relance. Alguma coisa sobre a mulher provocava instintos estranhos, territoriais e protetores que o mantinham lá, de vigia, esperando que ela passasse, a caminho de casa, pelo prédio de apartamentos onde ele morava.

E, quando ele a visse, faria a mesma coisa que sempre fazia. Ele a seguiria à distância, tentando não alarmá-la, e esperaria até que ela entrasse com segurança no apartamento. Depois, daria meia volta e caminharia até sua casa.

Ele não falaria com ela, nem mesmo chegaria perto. Nunca fazia isso. Não que não quisesse, mas Kara cursava a faculdade de enfermagem e trabalhava em horário integral no restaurante da mãe dele. De acordo com a mãe, Kara se recusava terminantemente a namorar, pois não tinha tempo nem energia para um relacionamento. Provavelmente estava certa. Aquela mulher maluca não dormia nem comia o suficiente. Não tinha ninguém que se preocupasse com ela, exceto a mãe dele... e Simon. No ano anterior, Simon provavelmente se preocupara mais com o bem-estar de Kara do que uma dezena de familiares teria se preocupado. E ele nem podia chamá-la de amiga. O problema era que... ele não era um familiar e os sentimentos que tinha estavam longe de serem fraternais.

Meu Deus, ela era demais!

Simon teve que reprimir um grunhido de frustração ao pensar na primeira vez em que vira Kara, com os olhos azuis brilhando de alegria, cachos negros dos cabelos sedosos escapando do eterno rabo de cavalo e o corpo esguio movendo-se graciosamente de uma mesa à outra no restaurante da mãe dele. Aos vinte e oito anos, ela ainda tinha um olhar de inocência e vulnerabilidade que deixou Simon completamente enfeitiçado. Desde então, ele estivera prisioneiro.

A mãe falava sobre Kara como se fosse uma filha e Simon sabia que as duas tinham uma ligação especial, não formada pelo sangue, mas por uma amizade especial. Que merda... se Kara fosse mais jovem, Simon tinha quase certeza de que a mãe a adotaria. Torcendo os lábios ligeiramente, Simon torceu para que a mãe nunca esperasse que ele fosse um irmão para Kara. Isso não aconteceria. Sempre que a via, o pênis ficava imediatamente duro e pronto. O que diabos havia naquela mulher em particular que o deixava tão inquieto e agitado?

Simon fodera mulheres que eram mais atraentes ou mais sofisticadas e nenhuma delas jamais tocara nas emoções dele. Ele era um solitário que preferia passar o tempo com o computador em vez de participar de funções sociais. Mas havia momentos em que precisava da companhia de uma mulher para se aliviar fisicamente. Usar a própria mão de vez em quando não resolvia o problema. Simon tinha certas conhecidas para aquelas ocasiões, mulheres que davam a ele o controle de que precisava ter no quarto, sem fazerem exigências nem perguntas. Mas que merda! Aquilo fora o suficiente para ele... até que vira Kara.

Fazendo uma careta, sem tirar os olhos da rua, Simon enfiou as mãos mais fundo nos bolsos e ajustou a posição, dando uma folga ao ombro ao encostar os quadris na parede. Minha nossa, ele estava comportando-se de forma ridícula. Por quanto tempo ele sonharia acordado com uma mulher que nem mesmo sabia de sua existência? Até que ela terminasse a faculdade de enfermagem e mudasse de cidade? Até que ela se casasse?

Ele quase rosnou ao pensar em outro homem colocando as mãos no corpo delicioso de Kara. Simon lutou contra um instinto puramente selvagem que surgiu ao pensar em outro homem tocando na mulher dele.

Ela não é a sua mulher, idiota. Caia na real.

Pela primeira vez na vida, Simon desejou ser mais parecido com o irmão mais velho, Sam, a outra metade da Corporação Hudson. Sam não teria problema algum em abordar Kara. O estilo do irmão sempre fora jogar o charme, conquistar e descartar, e Sam não teria nem pensado na possibilidade de ser rejeitado. Provavelmente porque Sam nunca fracassava! O único irmão usava a população feminina como uma pessoa muito gripada usava lenços de papel. Sam teria derrubado as defesas de Kara, conseguiria convencê-la a tirar a calcinha e, depois, simplesmente a descartaria para conquistar a próxima mulher.

Ah, merda, não. Simon amava o irmão, mas nunca deixaria Sam seduzir Kara. Ele nem mesmo queria que os dois ficassem no mesmo aposento.

Porque ela é minha.

Simon balançou a cabeça, surpreso com o próprio comportamento. Sim... ele gostava de estar em controle. Na verdade, precisava estar no controle. Mas nunca desejara uma mulher em particular. Agora, ele mal conseguia pensar em outra coisa que não fosse a bela garçonete que atraía a atenção dele um ano antes.

Você tem medo dela.

Simon fez uma careta. Claro que não! Ele não tinha medo de nada. E, com certeza, não tinha medo de Kara Foster. Ela só... não era uma amante provável. Por que perder tempo com ela?

Ele fodia.

Não namorava.

E gostava das coisas assim.

O irmão Sam era o rosto da empresa, o comerciante. Simon entendia de computadores e sentia-se feliz de ficar em segundo plano. O que ele sabia sobre seduzir uma mulher? Nunca precisara obrigar uma mulher a ir para a cama. As mulheres que fodia só ficavam com ele para ganhos pessoais. Ele era conhecido como um amante generoso. Não era tolo o suficiente para acreditar que tivessem qualquer sentimento por ele. Isso ele entendia. Com isso, conseguia lidar.

Talvez eu precise achar um jeito de foder Kara e acabar com essa obsessão maluca.

Seria o suficiente? Será que ele conseguiria se livrar dessa fixação pela mulher se achasse uma forma de tê-la?

Cristo! Precisava fazer alguma coisa. A preocupação irracional com Kara ficara cada vez pior no ano anterior, fazendo com que ele não quisesse nenhuma mulher além dela. Durante aquele ano inteiro, ele só gozara com a própria mão e realmente precisava dar um jeito nisso. Mas... não conseguia. Se tentasse fazer alguma coisa, se telefonasse para outra mulher, veria o rosto bonito de Kara e desligaria o telefone.

Que merda, estou obcecado por ela.

Simon olhou para alguém que se aproximava, com a mente quase imediatamente começando a descartar a mulher de cabelos escuros que vestia uma minissaia de couro preta e um blusão vermelho. Ele nunca vira Kara vestir qualquer outra coisa que não fosse calça jeans e camiseta com o logotipo do restaurante, o traje casual padrão dos funcionários do estabelecimento da mãe.

Surpreso, ele olhou novamente quando a mulher se aproximou, soltando uma exclamação quando o rosto dela ficou à vista. Santo Cristo! Era Kara. Ela estava perto o suficiente para que ele conseguisse ver as feições, o mesmo rosto que assombrava seus sonhos molhados todas as noites, mas a roupa...

O que diabos ela estava vestindo?

Simon conseguia ver quase todos os centímetros das pernas longas e esguias na minissaia ultracurta e a roupa inteira moldava os seios, o tronco e a bunda como uma luva. O pênis levantou imediatamente em alerta e ele tirou as mãos dos bolsos. Elas se fecharam em punhos rígidos quando um fio de suor correu-lhe pelo rosto. Seguido de outro. E mais outro.

Mas que inferno! O que ela tinha na cabeça? Vestida daquele jeito, estava praticamente implorando que um homem aparecesse e arrancasse-a da rua.

E, por Deus, ele seria aquele homem. Não deixaria aquela oportunidade para outro macho, alguém que poderia machucá-la.

Será que ela não percebia que estava em Tampa? Uma cidade enorme! Não era uma cidade minúscula onde pudesse andar pelas ruas à noite sem ser notada nem abordada.

Simon abriu uma das mãos e agarrou a moldura da janela para se apoiar, sem tirar os olhos da mulher que se aproximava. Rangendo os dentes, Simon sabia que aquele era o dia em que teria que se aproximar dela, chegar mais perto do que nunca. Ele não conseguia mais controlar aquelas emoções animais e selvagens. Não gostava delas nem estava acostumado com elas. A única coisa que queria

era recuperar a sanidade, voltar ao computador e trabalhar na paixão que tinha pelo desenvolvimento de jogos de computador, sem que o cérebro fosse tomado por pensamentos eróticos com Kara.

Senso. Razão. Controle. Era assim que funcionava e do que precisava para ser ele mesmo novamente. E ele voltaria ao estado mental normal, não importava as medidas drásticas que precisaria tomar para conseguir isso. De alguma forma, ele acabaria com aquele desejo incrivelmente idiota e furioso por Kara Foster.

Com a decisão tomada, Simon empurrou a moldura da janela e endireitou o corpo, abaixando a “máscara” até que o rosto não mostrasse qualquer emoção. Ele era bom nisso. Fora criado em uma área de Los Angeles onde a maioria das pessoas normais nunca nem entraria. Um lugar onde ser fraco, frágil ou lento de alguma forma significava ser destruído.

No mínimo, Simon Hudson era um sobrevivente. Com o disfarce firmemente no lugar, ele afastou o olhar da janela, virou-se bruscamente e andou com passos determinados na direção da porta.



Kara Foster estava tendo um dia horrível!

Ela mudou a mochila de lugar para que ficasse mais firme no ombro e estendeu a mão para a bainha da saia ridiculamente curta, puxando-a para baixo para cobrir a bunda. As roupas ficaram ótimas na amiga, Lisa, que era vários centímetros mais baixa e sete anos mais jovem que Kara. Infelizmente, não tinham a mesma aparência no corpo mais alto e mais cheio de Kara. O blusão ficava justo sobre os seios generosos e a saia era curta demais, mal escondendo as nádegas.

Ela era uma mulher que conhecia as ruas, pois crescera em uma das piores áreas de Tampa e saíra da experiência intacta. Kara sabia como se proteger, como evitar atenções indesejadas. Então, que diabos estava fazendo em uma roupa destinada a metê-la em encrencas? *Que burrice, Kara. Que burrice!*

Franzindo a testa, Kara se forçou a continuar caminhando. Não era nada demais. Ela estava em uma área decente. E daí se ela parecia uma vagabunda? Mais oito quarteirões e estaria em casa, livre para finalmente tirar aquela roupa ridícula e vestir algo confortável, como *jeans* e camiseta.

Kara reprimiu um suspiro enquanto se concentrava unicamente em chegar no minúsculo apartamento que dividia com outra estudante. As pernas estavam frias e ela estremeceu, andando mais depressa para aquecer o corpo. Era janeiro em Tampa e, apesar de o dia ser agradável, as noites eram frias. Ela deveria ter levado o casaco, mas acabara se atrasando naquela manhã.

Não planejara ficar com as pernas nuas e o traseiro balançando na brisa.

O dia está quase acabando.

Graças a Deus!

Ela derramara café na calça *jeans* e na camiseta mais cedo. Sem tempo para ir para casa trocar de roupa antes de ir trabalhar, Kara aceitara com gratidão a oferta de roupas limpas de Lisa, uma amiga que nunca saía de casa sem uma muda de roupa no carro. Não que Kara não apreciasse a bondade da amiga. Ela apreciava, com certeza. Kara só queria ser capaz de usar as roupas com a mesma atitude que Lisa. Mas... não conseguia. Estava acostumada a ser discreta e sentia-se mortificada pelo fato de que provavelmente parecia uma garota de programa com sapatos feios. Ela passara o dia inteiro e o início da noite com um tom rosado no rosto, tentando desesperadamente não inclinar o corpo.

Quando chegara ao restaurante para trabalhar, a chefe dela, Helen Hudson, ficara com pena e encontrara um avental que chegava até os joelhos de Kara e cobria a parte de trás que estava exposta.

Desejando ter ido para casa com o avental, ela puxou novamente a parte de baixo da saia minúscula com um gesto cheio de frustração, torcendo para que nada além das coxas estivesse aparecendo.

A exaustão tomou conta do corpo de Kara e o estômago roncou. Ela estivera tão ocupada no trabalho que não tivera tempo para comer. O restaurante pequeno e aconchegante estivera cheio, muito mais do que o normal, pois era sexta-feira à noite. Na verdade, ela ficara feliz com a quantidade de clientes. O dinheiro das gorjetas que tinha na mochila era tudo o que havia entre ela e uma conta bancária totalmente zerada. Talvez pudesse comprar algumas coisas no mercado agora que tinha um pouco de dinheiro. As prateleiras em casa estavam vazias e a colega parecia estar em uma situação financeira ainda pior. Lydia nunca comprava comida e o que Kara comprava desaparecia rapidamente.

Último semestre! Você consegue.

Foram quatro longos anos e Kara se sentia muito mais velha do que os vinte e oito anos que tinha. Na verdade, ela simplesmente se sentia velha. Ponto. A maioria dos colegas da faculdade mal tinha idade para beber e só pensava em festas, enquanto Kara só conseguia pensar em viver um dia de cada vez, chegando cada vez mais perto da formatura.

Ela perdera os pais em um acidente de carro aos dezoito anos e era praticamente sozinha. Depois de trabalhar vários anos como garçomete, mal sobrevivendo, sabia que precisava ir para a faculdade ou resignar-se a sobreviver sem ver um fim para a pobreza.

Ela não se arrependia da decisão de ter ido para a faculdade, mas fora difícil, uma estrada árdua e solitária. Estava grata por estar quase no fim.

Você conseguirá. Está quase lá!

Kara parou abruptamente quando a calçada começou a oscilar e a visão ficou embaçada. Ah, merda. Ela estendeu a mão para se segurar em um poste enquanto o cérebro girava e o corpo tremia. A tontura tornou impossível avançar mais um passo. *Mas que merda. Eu deveria ter parado para comer alguma coisa.*

— Kara! — Ela ouviu a voz em tom de barítono baixa e sem sentido penetrando o cérebro enevoado. A voz era abrupta, mas era reconfortante saber que alguém que a conhecia, que a reconhecera, estava lá.

Balançando a cabeça, tentando clarear a visão, Kara segurou com mais força no poste de metal e fez força para não desmaiar na calçada gelada de pedra quando o corpo oscilou precariamente, preparando-se para a queda.



Capítulo 2

— Cristo, você está horrível! — A mesma voz, impaciente e rouca, penetrou a mente enevoada e ela sentiu braços sólidos e musculosos envolvendo-a ao ser erguida contra um peito rígido.

Quente... tão quente. Instintivamente, ela se aconchegou contra a forma de vida forte e que produzia calor, tentando usar aquele calor para reviver os músculos congelados.

Ela encostou a cabeça que girava em um ombro muito largo e sólido, e suspirou quando o homem misterioso passou por um conjunto de portas, entrando em um prédio aquecido. Em algum lugar no fundo da mente, ela sabia que devia estar lutando contra ele, tentando se afastar do homem estranho cuja voz não reconheceu, mas não tinha forças.

Kara ouviu o barulho da porta do elevador abrindo-se e o estômago se rebelou quando a câmara de aço se moveu, subindo no que parecia ser a velocidade da luz.

Momentos depois, ela foi gentilmente colocada sobre uma cama confortável e envolta em um cobertor quente que reduziu o gelo do corpo. Os sapatos foram retirados abruptamente e jogados no chão. Ela abriu os olhos e tentou focalizar a visão. Esforçando-se para levantar, ela se viu empurrada de volta para os travesseiros por mãos fortes. — Não se mova. Nem um centímetro.

— Estou bem. Tive uma virose leve, achei que tinha superado. Foi só uma leve tontura — argumentou ela ao tentar se levantar novamente.

— Você não está bem — disse a voz. — O médico está aqui para vê-la. Ele mora no prédio e viu quando você quase mergulhou na calçada.

— Médico? — Alarmada, Kara focalizou o olhar em outro homem parado atrás do que dava ordens. — Não preciso de um médico. — Ela não podia pagar um médico.

— Tarde demais. Ele está aqui. E você será examinada.

— Posso me recusar — respondeu ela hesitantemente. O olhar dela finalmente encontrou os olhos escuros do seu salvador.

— Você não vai fazer isso — disse ele em tom ameaçador.

A aparência perigosa dele impediu que uma resposta ríspida saísse da boca de Kara. Meu Deus, ele era imenso. Ombros largos encheram a visão dela quando ele se abaixou ao lado da cama. Ela sentira o corpo musculoso enquanto ele a carregara. Mas agora conseguiu apreciar visualmente a força dos braços e o corpo sólido quando a visão clareou e a tontura começou a passar.

Grande. Moreno. Perigoso. Os olhos azuis de Kara encontraram o olhar castanho escuro dele, que parecia tão feroz que era quase assustador. Ele passou a mão impaciente pelos cabelos pretos curtos com expressão sombria. Não era bonito de uma forma convencional, as feições eram muito angulosas e a pele cor de oliva marcada por uma pequena cicatriz na têmpora direita e outra na bochecha esquerda. Mas... ele era atraente de uma forma carnal e sensual. Kara sentiu a intensidade

vibrando do corpo dele e entrando no dela, deixando-lhe os mamilos rígidos e sensíveis. — Quem é você? — perguntou ela em tom suave, lembrando-se de que ele a chamara pelo nome.

— Simon Hudson. Filho de Helen Hudson. — Ele se levantou e recuou para deixar que o homem mais velho se aproximasse.

Filho de Helen? Simon. Ela nunca encontrara Sam nem Simon, mas ouvira a chefe, uma mulher que se tornara amiga muito próxima no decorrer dos anos, falara muito sobre eles. Simon era o mais jovem. Trinta e poucos anos. Um gênio da informática, desenvolvia jogos de computador que colocara a Corporação Hudson no caminho para se tornar uma empresa que valia bilhões.

— Jovem, ouvi dizer que está doente. Sou o dr. Simms. Deixe-me dar uma olhada rápida em você. — Um rosto gentil e mais velho substituiu o do sr. Alto, Moreno e Rabugento. Kara soltou um suspiro aliviado e deu ao médico um sorriso leve.

— Estou bem. Um vírus. Talvez eu não estivesse totalmente recuperada e tive um longo dia. Só uma leve fadiga residual — garantiu ela ao médico, querendo calçar os tênis velhos e fugir daquela situação humilhante assim que possível.

Simon estava parado atrás do médico com os braços cruzados e o rosto formidável. Nossa... o homem era assustador. Não que ela não tivesse visto homens assustadores o suficiente durante a vida. Mas havia algo sobre Simon que fazia com que o coração dela batesse mais forte e o corpo ficasse alerta.

Kara deixou o médico examiná-la. O dr. Simms era gentil e eficiente, com uma atitude que a fez sorrir enquanto ele conversava distraidamente durante a avaliação. Ele lhe deu algumas ordens e fez as perguntas padrão. Ela respondeu às perguntas da forma mais breve possível, querendo que o exame terminasse para que pudesse ficar longe da presença de Simon Hudson.

O dr. Simms se levantou com um sorriso profissional ao concluir o exame. — Você precisa de descanso, alimentos e mais tempo para se livrar desse vírus. Talvez tenha se sentido melhor por um dia porque a febre baixou, mas ela voltou e o vírus não saiu completamente do corpo. Você já está debilitada e não parece estar dormindo nem alimentando-se adequadamente. — O sorriso do médico se alargou. — É normal em nós, médicos. Pode ter sido há algum tempo, mas ainda me lembro da faculdade. — Depois de uma pausa, o médico perguntou em tom profissional: — Há alguma chance de que esteja grávida?

O olhar de Kara voou para o rosto de Simon e ela sentiu o rosto quente de vergonha. Simon realmente precisava escutar aquilo tudo? Ele sustentou o olhar dela e o corpo pareceu visivelmente tenso enquanto esperava a resposta.

— Não. Possibilidade zero — respondeu ela com uma timidez que não era normalmente parte de sua personalidade. Não havia chance alguma de que estivesse grávida, a não ser que um vibrador pudesse engravidá-la. E, ultimamente, ela andava cansada demais até mesmo para usá-lo. A vontade sexual morrera com as oitenta e quatro horas semanais de faculdade e trabalho. A única ação que a cama dela via era Kara, sozinha, dormindo pelas poucas horas de descanso que tinha todas as noites depois das sessões de estudo até tarde.

O médico discorreu sobre o assunto, instruindo-a a descansar e tratar os sintomas com remédios comuns para a febre.

Kara agradeceu e deu-lhe um sorriso trêmulo. Ele se virou para Simon e os dois homens começaram a conversar baixinho ao saírem do quarto.

Ela se sentou depressa, depressa demais, e o quarto girou por um minuto antes que a mente clareasse. Meu Deus, ela estava fraca como um filhote de gato com a volta da febre e a falta de comida. Ela se inclinou lentamente e pegou os sapatos do chão, sentando-se na cama para enfiá-los nos pés sem nem mesmo desatar os cadarços.

— O que pensa que está fazendo? — Kara saltou ao som da voz estrondosa a meio caminho de calçar o segundo pé de tênis.

— Preciso ir para casa — respondeu ela, sentindo-se desconfortável agora que estava sozinha com Simon. Ele era grande demais, áspero demais, exigente demais, tudo demais. Havia alguma coisa nele que fazia com que ela se sentisse meio fora de equilíbrio, e aquilo não tinha nada a ver com o vírus.

Ele colocou as pernas dela sobre a cama e tirou-lhe os sapatos. Merda. Todo aquele trabalho duro desfeito em questão de segundos. Colocar os sapatos fora um esforço enorme e ela não gostou da ideia de ter que repetir o ato.

— Você está doente e ficará aqui — disse Simon em voz firme. Os olhos escuros dele passearam pelo corpo dela e ele fez uma careta.

— Não posso. Tenho que trabalhar amanhã. Preciso dormir um pouco.

— Você não vai para o trabalho por pelo menos uma semana. Já telefonei para a minha mãe e disse a ela para achar alguém para substituí-la. — A expressão dele era desaprovadora ao cobri-la com o cobertor e sentar-se sobre ele, efetivamente deixando-a presa. — Também tomei a liberdade de pegar as chaves da sua mochila para que minha assistente possa ir à sua casa e pegar algumas roupas, caso sua colega não esteja em casa.

— Mas eu...

— Não discuta! Esse assunto acabou. Vou preparar alguma coisa para você comer. E você comerá. Depois, dormirá. — Ele se levantou e saiu, com as ordens ainda ecoando pelo espaço um tanto impressionante do quarto.

Fumegando, Kara se sentou e debateu se teria coragem de saltar da cama e correr porta afora do apartamento. Um belo apartamento! O quarto era espaçoso e decorado em tons de bege e preto. Um carpete bege felpudo e mobílias escuras masculinas dominavam o quarto. A cama era imensa, com uma estrutura preta de ferro intrincada que apoiava um dossel bege que parecia ser feito de seda com desenhos bordados em preto e marrom. Era um belo quarto, arrojado e sombrio, exatamente como o homem a quem pertencia.

Ele realmente esperava que ela ficasse lá? Sim, a mãe dele era chefe e amiga de Kara, mas ela não conhecia Simon e não tinha certeza se gostava dele. Era mandão, impaciente e esperava que as pessoas saltassem ao comando dele. Ou que ficassem paradas, se fosse essa a ordem, como um cão bem treinado. Infelizmente para ele, Kara não aceitava ordens muito bem. Ela tomava as próprias decisões desde a morte dos pais e a última coisa de que precisava era um bilionário dominador resolvendo a vida dela. A única coisa que o dinheiro significava para Kara era segurança. Tirando isso, ela não se importava nem um pouco com o que o dinheiro podia comprar. Era difícil sentir falta de coisas materiais que nunca tivera.

Ele telefonou para Helen para que ela me substituísse? De jeito nenhum ela perderia uma semana de trabalho. Os dois dias de trabalho que perdera naquela semana já tinham deixado a conta bancária vazia. Dependia das gorjetas para sobreviver e não receberia nenhuma se ficasse sentada

em casa. Perdera duas noites de trabalho porque não tivera opção. O vírus a deixara prostrada na cama e mais doente do que estivera desde a infância.

Ela suspirou e recostou-se novamente nos travesseiros. Estava tão cansada e tão fraca naquele momento. A única coisa que queria mesmo era afundar naquela cama quente e confortável e dormir até que não sentisse mais cansaço algum. Como seria isso? Ela não se lembrava de uma época em que não estivesse exausta. Nos quatro anos anteriores, sentir-se totalmente drenada tornara-se uma coisa normal. Ela só dormia poucas horas por noite e as refeições eram esporádicas, dependendo do que podia pagar.

Kara olhou para cima ao ouvir o barulho de louças e viu Simon entrando no quarto equilibrando pratos. Ela reprimiu um sorriso, pensando que era bom ele trabalhar com computadores, pois nunca ganharia a vida como garçom. Ele tinha um copo em uma mão e um prato na outra. Uma tigela estava precariamente equilibrada entre o cotovelo e o peito. Ela queria dizer a ele que seria mais fácil se simplesmente colocasse a tigela sobre o prato, mas resolveu ficar em silêncio.

— Não sei do que você gosta — resmungou ele ao colocar o copo sobre a mesinha de cabeceira e entregar-lhe a tigela. Ele parecia revoltado com o fato de que havia alguma coisa que não sabia. — Sopa. Coma.

Pense em um homem de poucas palavras. Ele dava ordens como um sargento. — Simon, não posso ficar aqui — disse ela em tom suave ao aceitar a tigela de sopa quente. Canja de galinha. A sopa favorita dela. Com o estômago roncando por causa do aroma tentador que subia da tigela, ela ergueu a colher e comeu com cuidado. Sabia que saíra de uma lata, mas estava deliciosa e ela devorou a comida como uma pessoa faminta.

— Você fica. Tome isso. — Ele fez uma careta ao erguer a mão e largar dois comprimidos na palma da mão dela.

Tylenol extraforte. Ela os colocou na boca e estendeu a mão para pegar o copo. Simon lhe entregou o copo antes que ela conseguisse pegá-lo. Ela engoliu e entregou o suco na mão de Simon antes de responder: — Preciso trabalhar. Não posso faltar ao trabalho. Já faltei dois dias porque estava doente. Tenho certeza de que me sentirei melhor amanhã.

— Pode apostar seu belo traseiro que sim. Vou garantir isso — respondeu ele, com a voz implacável.

Kara continuou a comer a sopa enquanto estudava a expressão dele. Ele estava sério. Absolutamente sério. Como uma mulher doce como Helen acabara tendo um filho cretino como Simon? — Você não é meu chefe, Simon.

— Não, mas minha mãe é e ela concorda que você não vai trabalhar. Ela não sabia que você ainda estava doente — disse ele com a expressão carrancuda. — Nem sei como ela não notou. Você tem olheiras profundas que fazem com que pareça um guaxinim e parece praticamente morta. Mamãe está perdendo o jeito. Normalmente ela enxerga qualquer problema. Dolorosamente, se necessário — resmungou ele, como se estivesse lembrando-se de algumas daquelas experiências dolorosas.

— Eu estava me sentindo melhor mais cedo. E ela me ajudou a encontrar alguma coisa para vestir por cima da saia — disse ela calmamente enquanto terminava de comer a sopa.

— Onde diabos conseguiu essa roupa? Nunca vi você vestir nada além de calças jeans — perguntou ele em tom suave e perigoso. Kara estremeceu quando os olhos dele passaram sobre a coberta, como se conseguisse ver o corpo dela através do material.

— Foi um empréstimo — disse ela, aceitando o prato que continha um sanduíche de aparência deliciosa quando ele levou a tigela para longe. — Como uma idiota, derramei café na minha roupa hoje e não tive tempo de passar em casa antes de ir para o trabalho.

— Você não é uma idiota — disse ele em tom ríspido.

Engolindo uma mordida do delicioso sanduíche de ovo com salada, os olhos de Kara se voltaram para o rosto dele em surpresa. — Nós nunca nos encontramos. Como você me reconheceu? Como sabe o que eu normalmente visto?

Ele deu de ombros e desviou os olhos. — Vi você no restaurante.

— Eu nunca vi você no restaurante.

— Eu passo lá para ver a mamãe. Normalmente, não vou para a parte da frente.

O escritório de Helen ficava na parte de trás e aquilo fazia sentido. Kara ficou em silêncio enquanto devorava o restante do sanduíche. Meu Deus... ela estava faminta... e grata pela refeição.

— Obrigada — disse ela com sinceridade ao devolver o prato a ele, que o colocou sobre a mesinha de cabeceira.

— Você precisa se alimentar. E dormir. — Ele encostou de leve nas olheiras de Kara com o dedo indicador. — Eu nunca cheguei perto o suficiente para notar como parece cansada.

— O vírus acabou comigo — murmurou ela baixinho, sentindo-se aquecida não só pela comida, mas pela expressão preocupada no rosto de Simon. — Estarei bem o suficiente amanhã para trabalhar.

Ele lhe entregou o copo de suco. — Nem pense nisso. Beba isso e durma.

Cansada demais para discutir, Kara bebeu o suco e colocou o copo vazio na mão dele. Ela lidaria com tudo mais tarde. Os olhos estavam fechando-se sozinhos e a exaustão fazia com que ela parecesse pesar uma tonelada. Precisava fechar os olhos.

Aconchegando-se sob a cobertura, Kara suspirou e repousou a cabeça no travesseiro. Pela primeira vez em anos, ela se sentia cheia, confortável e... segura. Simon podia ser rabugento, mas, pelo jeito, nomeara a si mesmo protetor dela. Isso era, de certa forma... reconfortante.

Com aquele pensamento estranho, ela dormiu.



Capítulo 3



Kara acordou tarde no dia seguinte, sentindo-se completamente descansada e imaginando onde estava, até que se lembrou do episódio na calçada e do resgate logo em seguida por Simon Hudson.

Ele estava lá ou ficaria fora o dia inteiro?

Deslizando silenciosamente para fora da cama imensa, Kara encostou a cabeça na porta do quarto, sem ouvir nada além de silêncio. Ela pegou um roupão de seda preto que provavelmente pertencia a Simon e abriu uma porta na outra extremidade do quarto. Aliviada ao encontrar um banheiro, trancou a porta, tirou as roupas depressa e soltou os cabelos. As roupas ficaram amontoadas no chão.

Ela precisava de um banho. E café!

Sentindo-se mais como si mesma depois de tomar banho, limpa e enrolada no roupão de Simon, ela hesitou enquanto procurava uma escova de dentes e pasta no balcão de mármore perto da pia dupla. Sem querer abusar, mas desesperada por uma escova de dentes, Kara abriu algumas das portas e quase riu alto ao encontrar uma escova novinha em folha, ainda na embalagem. Depois de usá-la, tentou domar os cabelos molhados com uma das escovas de cabelo de Simon. Tardamente, ela torceu para que ele não se importasse. *Isso mesmo, faça de conta que a casa é sua, Kara.*

Como se ela algum dia pudesse ter uma casa como aquela. O luxo gritante em volta a deixou espantada e ela encarou a banheira imensa com um suspiro longo. O que não daria para passar uma hora dentro dela.

Ela não era uma garota materialista, mas, ainda assim, sabia apreciar uma banheira fenomenal. O apartamento dela só tinha um chuveiro minúsculo e um longo banho de imersão era algo que teria que esperar até que se formasse na faculdade e pudesse ter um lugar só seu. *E ele terá uma banheira.* Ela decidiu naquele momento que isso seria um requisito.

Afastando-se da tentação da banheira oval enorme, Kara apertou o roupão em volta do corpo e pegou as roupas e a toalha, tentando não imaginar o corpo musculoso e nu de Simon reclinado dentro d'água.

Mas que mulher idiota! Pare de pensar no filho da chefe e procure a maldita mochila para que possa dar o fora daqui.

Saindo do quarto, ela hesitou, sem saber exatamente para onde ir. O apartamento era imenso. Havia quartos de hóspedes, lindamente decorados, na outra extremidade do longo corredor que levava ao quarto principal. Ela quase soltou uma exclamação ao sair do corredor e entrar em uma sala de estar espaçosa, que tinha teto alto e belo e mobílias de couro bege.

Putá merda! Ela já vira uma televisão tão grande? A tela dominava uma parede inteira, parecendo quase uma tela de cinema.

Esse lugar não tem naaaaada a ver comigo!

Os pés descalços deixaram o carpete felpudo e pisaram na madeira lisa quando ela entrou lentamente em uma cozinha que seria o sonho de qualquer chef. Decorada em verde escuro e creme, tinha todas as conveniências que uma pessoa poderia desejar e várias que ela nem conseguiu identificar.

Kara viu a mochila sobre a mesa da ilha e abriu-a para guardar as roupas emprestadas na parte maior, ainda segurando a toalha molhada, pois não sabia o que fazer com ela.

— Como está se sentindo? — Ela saltou quando a voz baixa soou na cozinha silenciosa. Kara cobriu o peito com a mão trêmula quando o coração saltou e ela se virou para Simon, que a observava em silêncio, com um braço apoiado casualmente no batente da porta. Os cabelos escuros ainda estavam úmidos, como se tivesse acabado de sair do banho, e ele vestia calça *jeans* que envolvia a parte de baixo do corpo musculoso de forma harmoniosa. Os ombros enormes e o peito largo estavam cobertos por uma camisa de flanela verde. O homem estava... um arraso.

Os olhos castanhos passearam pelo corpo dela, ficando cada vez mais ardentes. Para cima e para baixo. Para cima e para baixo. Kara apertou o roupão ainda mais. — Desculpe. Eu não tinha mais nada para vestir.

Ele deu de ombros ao se afastar da porta. — Ficou muito melhor em você do que em mim — respondeu ele com voz rouca ao andar até o armário do outro lado da cozinha. — Café?

Ah, minha nossa, sim! Ele podia muito bem ter perguntado se ela queria terminar a faculdade de enfermagem. Era totalmente viciada. — Sim, por favor. Se não for muito trabalho.

— Sente-se. Você deveria estar descansando. — Ele acenou na direção da ilha e ela se sentou em um dos bancos altos.

Kara observou quando ele colocou uma xícara na máquina de café, derramou pó em um recipiente e fechou-a. A máquina começou a fazer barulho e o café ficou pronto em segundos.

— O sonho de toda pessoa que ama café — disse ela suspirando quando ele lhe entregou a xícara fumegante.

— Espero que goste de café preto — comentou ele ao pegar creme na geladeira e colocá-lo em frente a ela, juntamente com o açucareiro. — É uma marca mais forte.

Kara sentiu o aroma delicioso que subia da xícara e ficou com a boca cheia d'água. — O cheiro está fabuloso. — Ele estendeu uma colher e ela a pegou, com os dedos encostando nos dele. A mão dela formigou com o toque leve e um calor se espalhou pelo corpo. Ele estava parado perto, tão perto que ela sentiu o odor masculino quando ele estendeu a mão em direção às pernas cobertas pelo roupão de seda. Ela prendeu a respiração quando os dedos dele encostaram no tecido, incendiando-a por dentro.

— Deixe que cuido disso. — Ele ergueu a toalha molhada do colo dela, com os nós dos dedos deslizando lentamente pelas coxas ao puxar o pano.

Ela estava tremendo. Tremendo de verdade, só por causa daquele toque leve e casual dele. Minha nossa, ela precisava se afastar. Para algum lugar onde não conseguisse sentir o cheiro dele, não conseguisse sentir o calor que ele emanava e as vibrações inquietantes de energia sexual. — Obrigada. — A voz de Kara estava fraca ao soltar a toalha.

Ela soltou um suspiro de alívio quando ele andou até um cômodo perto da cozinha e voltou sem a toalha. — Você não respondeu à minha pergunta. Como está se sentindo?

Ela afastou os olhos do corpo tentador dele e colocou creme e açúcar no café. — Eu me sinto ótima. A febre foi embora. Obrigada por me ajudar, mas preciso ir embora. — Ela fechou os olhos e

quase gemeu ao sentir o gosto rico e forte do café.

— Você não pode ir embora. Não hoje. Nem amanhã. — A voz de Simon estava neutra. Ele foi até a cafeteira e colocou mais pó na máquina, abaixando a tampa com mais força do que o necessário.

— Por quê? — Ela arregalou os olhos e encarou-o com um olhar surpreso.

Com os olhos grudados na xícara de café que acabara de preparar, ele se sentou em frente a ela em outro banco, pegou a colher da mesa e colocou um pouco de creme no café. — Você foi despejada.

O café derramou sobre os dedos de Kara quando ela pulou em choque. Seus olhos voaram para o rosto dele, momentaneamente atônitos. — Isso não é possível. Lydia paga o aluguel. Ela recebe a minha parte todos os meses. — Com um gesto automático, ela pegou um guardanapo no centro da ilha para limpar os dedos, sem registrar a queimadura superficial porque estava chocada demais com o que ele dissera. Era alguma brincadeira? O senso de humor dele era totalmente distorcido? Será que não sabia que não era uma coisa simpática brincar com uma mulher praticamente sem dinheiro usando aquele tipo de coisa?

O olhar dele finalmente encontrou o dela, com uma expressão sombria e um toque de pena. — Receio que sua colega tenha fugido. A única coisa que havia no apartamento ontem à noite era algumas caixas que continham uns documentos seus da faculdade, certidão de nascimento e outros papéis.

As mãos de Kara começaram a tremer e ela as cruzou sobre o balcão de mármore. Não podia ser verdade. Não era verdade. — Deve haver algum engano.

— Não há engano algum. Minha assistente falou com o locador hoje cedo. A sua colega foi despejada. O processo de despejo estava correndo há algum tempo. Ontem foi o último dia. — Simon bebeu um gole do café sem afastar os olhos dos dela.

Ah, meu Deus, ah, meu Deus, ah, meu Deus! A mente de Kara disparou ao perceber as implicações da revelação dele. Sem lugar para morar. Sem pertences. Mas que diabos?

— Deve haver algum engano — sussurrou ela, descendo o olhar para a xícara. *Por favor, faça com que isso seja um engano.* Ela nunca conseguiria pagar o aluguel nem repor os pertences. — E as minhas coisas? As minhas roupas?

— A sua colega foi meticulosa. Não havia nada lá, exceto algumas caixas.

— Deve ser o lugar errado.

— Era o lugar certo, Kara. Sinto muito.

Simon falou o endereço e o nome do locador e da colega. — Está tudo correto?

Lágrimas encheram-lhe os olhos azuis quando ela assentiu, sem conseguir dizer uma só palavra por causa do nó na garganta. Meu Deus... ela estivera equilibrada na corda bamba por anos, sem uma rede de segurança. E, agora, caía para a morte pouco antes de chegar ao fim da corda.

Ela raramente falava com Lydia, mas nunca achou que a colega fosse capaz de algo como aquilo. Elas eram cordiais uma com a outra, mas Kara só ficava em casa à noite para estudar e dormir, e os encontros com Lydia eram esporádicos. Ela deixava a parte dela para o aluguel e as contas sobre a minúscula mesa da cozinha todos os meses, sem nunca duvidar de que a colega usasse o dinheiro para pagar tudo. Pelo jeito, não usara. — Isso não está acontecendo — disse ela baixinho, sentindo como se o mundo tivesse se despedaçado. E, na verdade, fora o que acontecera. Apenas algumas palavras, um desastre, uma traição, bastaram para que a vida dela desmoronasse.

— Você está bem? — perguntou Simon hesitantemente, bebendo o café e estudando-a com cuidado.

— Sim. Não. Não sei — disse ela incrédula. — Preciso pensar. — O que faria? Onde viveria? Como sobreviveria? Ela empurrou a xícara para longe e enterrou a cabeça nos braços. Ela estava destruída. *Pense, Kara. Pense.* — Eu não sabia. Como eu pude não saber? — perguntou ela a Simon, mas, na realidade, mais a si mesma enquanto tentava entender como aquilo pudera acontecer.

— Sua colega abandonou a faculdade no último semestre. Pelo jeito, ela escondeu tudo para que ainda pudesse pegar o seu dinheiro até que tivesse que ir embora — respondeu Simon com a voz furiosa. — Eu sinto muito, Kara. Você já tem problemas o suficiente sem isso.

Ela ergueu o rosto e o olhar confuso e cheio de medo encontrou os olhos furiosos dele com surpresa. Ele estava com raiva. De Lydia. Das circunstâncias. Obviamente, Simon tinha coração. — T-tudo se foi? Os móveis, as coisas do meu quarto, meus outros pertences? — gaguejou ela com o choro causando um nó na garganta.

— As únicas caixas que sobraram foram trazidas para cá pela minha assistente, Nina. Elas estão sobre a cama no quarto de hóspedes — disse ele em tom grave. — Eu verifiquei tudo, Kara. Foi tudo calculado. A sua colega levou tudo no último dia. Se você tivesse ido para casa ontem à noite, teria encontrado o apartamento vazio. Fico feliz por não ter precisado passar por essa surpresa tarde da noite. Nina entregou a chave para o locador. As fechaduras serão trocadas. Você não pode voltar para lá.

Sem lar. Sem cama. Sem lugar algum para onde ir.

O desespero e a sensação de perda explodiram dentro dela que, subitamente, não conseguia respirar, não conseguia pensar. Lágrimas silenciosas correram-lhe pelo rosto e a única coisa em que ela conseguia pensar era nos quatro anos anteriores de luta e esforço. Para nada. Tudo aquilo fora inútil. Ela acabaria em um abrigo, se tivesse sorte de encontrar uma vaga. A faculdade teria que esperar até que ela se recuperasse do golpe.

— Não. Ah, meu Deus, não. — Ela respirou fundo, tentando reprimir o pânico, mas foi inútil.

Com o corpo tremendo e as mãos cobrindo o rosto, Kara Foster fez algo que não fazia desde a morte dos pais.

Ela chorou.



Capítulo 4



O gelo em volta do coração de Simon rachou um pouco quando ele observou a mulher totalmente desesperada e desamparada cair em lágrimas. Os soluços desesperançados fizeram com que as entranhas dele se contorcêssem.

Merda! Se ele conseguisse encontrar a colega inútil dela, faria com que pagasse por toda a dor que Kara sentia naquele momento.

Incapaz de se conter, Simon se aproximou de Kara e puxou o corpo dela contra o seu, erguendo-a para os braços com toques cuidadosos. Ela se levantou e passou os braços em volta do pescoço dele, encostando o rosto em seu peito. Ele sentiu o corpo dela tremendo, com a silhueta menor contra a sua, expressando o desespero no ombro dele.

— Shhh... Kara. Ficaré tudo bem. Vou cuidar de você. — Simon correu a mão pelos cabelos pretos sedosos dela, sabendo que cada palavra era verdadeira. Não era somente algo que dizia para acalmá-la, para afastar a dor. Ele queria cuidar daquela mulher, que tivera uma dose imensa de azar e tribulações, aguentando tudo com força admirável. Ela era especial e as lágrimas quase fizeram com que ele perdesse o controle.

Ele respirou fundo e apertou um pouco mais os braços em volta da cintura dela, colocando uma das mãos abertas nas costas magras e movendo-a em círculos para acalmá-la. Em seus braços, ela parecia estar no lugar certo. O pênis se contraiu de leve quando ele inalou o aroma atraente dela. Ela tinha um cheiro natural que o deixou com a boca cheia d'água.

Ele amaldiçoou o pênis inquieto ao segurar o corpo macio e maleável contra o seu. Agora não era o momento de ficar de pau duro, mas ele não sabia se conseguiria ficar a um quilômetro de distância de Kara *sem* ter uma ereção selvagem. Ele soltou um suspiro leve, fazendo com que alguns dos fios de cabelo dela esvoaçassem.

Simon queria fazer com que todos os problemas dela desaparecessem, bani-los como se nunca tivessem existido. — Nós lidaremos com isso, Kara. Vou ajudar você.

Ela se afastou dele, limpando as lágrimas com os dedos das duas mãos. — Deixei você todo molhado. — Ela soluçou ao esfregar a camisa molhada de Simon.

Simon teve vontade de chorar quando ela saiu de seus braços. — Não faz mal.

— Não posso choramingar como um bebê o dia inteiro. Preciso ver se consigo encontrar um abrigo. Isso me deixou totalmente quebrada. — O rosto dela estava novamente composto e a expressão totalmente sem vida.

— Nada de abrigo. Você pode ficar aqui. Tenho espaço o suficiente. — Ele tentou manter a voz calma, mas estava pronto para prendê-la no chão, se fosse necessário. Ela não iria para um abrigo. Podia estar sem dinheiro naquele momento, mas iria se recuperar. — Pense de forma razoável, Kara.

Você precisa de ajuda. Estou disposto a ajudá-la. Pode terminar o último semestre da faculdade e morar aqui.

— Por quê? Por que você iria querer que eu ficasse aqui? Sou uma completa estranha.

Ele queria lhe dizer que ela nunca fora uma estranha, não desde o primeiro momento em que a vira. Alguma coisa mudara dentro dele, algo selvagem e elemental. — Você precisa de ajuda. Todo mundo precisa de ajuda de vez em quando. Eu tinha meu irmão. Tive sorte.

— Simon, não posso simplesmente me aproveitar de você.

Ah, sim, pode. Quando e sempre que quiser. Simon se sentou novamente no banco para esconder a ereção crescente. Por sorte, ela se sentou e puxou a xícara de café. — Você não está se aproveitando. Está só aceitando uma pequena ajuda.

Ela fez um gesto de desprezo antes de tomar outro gole do líquido quente. — É mais do que uma pequena ajuda. Ainda faltam quatro meses para terminar a faculdade. Não tenho dinheiro. Não tenho roupas. Nada.

Apesar de sentir vontade de dizer que ela podia andar nua pelo apartamento, ele respondeu: — Nina conseguirá algumas roupas para você. Não se preocupe. — Ele respirou fundo antes de continuar. — Só tenho uma condição. Exceto por ela, minha ajuda é incondicional.

— Que condição? — Ela olhou desconfiada para ele por sobre a xícara.

— Quero que pare de trabalhar enquanto estiver estudando. — Ele teve que reprimir um sorriso quando o rosto dela assumiu uma expressão teimosa e implacável. Aquele seria um assunto delicado, mas ele não cederia.

— Não posso parar de trabalhar. Preciso viver. Não tenho nada — disse ela em tom firme.

— Nada de trabalhar. Eu ajudarei você financeiramente. Você já passa quarenta horas por semana na faculdade e isso não inclui o tempo de que precisa para estudar. Essa é minha oferta. É pegar ou largar. — Ele não pretendia assistir enquanto ela continuava a definhar. Depois de apenas uma noite decente de sono, as olheiras já tinham diminuído. Seria ótimo vê-las desaparecer totalmente e saber que ela fazia refeições decentes. Ela podia ser feita de aço por dentro, mas o corpo era frágil.

— Mas eu...

— Essa é a oferta. É pegar ou largar.

Ele viu o rosto de Kara ficar vermelho e os olhos dela encontrarem os dele com uma expressão desgostosa. Simon prendeu a respiração silenciosamente e o coração começou a bater mais forte. Era arriscado, mas para onde mais ela iria? O que poderia fazer? Mas, por um momento, por um instante que pareceu uma eternidade, ele observou o rosto dela, certo de que ela o mandaria para o inferno.



Ele estava dando ordens, dizendo a ela como cuidar de sua vida e, instintivamente, Kara queria se rebelar. Ela soltou um suspiro frustrado. O olhar dele estava imóvel e inflexível. Teria que ser do jeito dele, ou não seria de jeito algum. Ela tinha alguma opção? Poderia procurar um abrigo, mas aquilo significaria desistir da faculdade por algum tempo e estragar o programa inteiro. — E o meu seguro, meus benefícios? E o restaurante?

— O restaurante da mamãe ficará bem. Ela tem garçonetes que querem trabalhar em horário integral.

Kara se encolheu ao ouvir aquilo, sabendo que era verdade. Havia outras funcionárias que ficariam muito felizes em assumir a posição de horário integral dela.

— E garantirei que continue com o plano de saúde. Você não perderá o seguro.

Ela estudou os olhos dele, tentando lê-lo, mas Simon era um mistério. Por que ele fazia aquilo? Ela confiava nele? Mal o conhecia. Ela confiava em Helen, que adorava os filhos. — Está bem. Eu aceito. Mas você precisa manter um registro do dinheiro para que eu lhe pague depois.

— Nada feito.

— Você disse que só tinha uma condição. — Ela bebeu o resto do café, tentando manter as mãos firmes segurando os dois lados da xícara.

Ele deu de ombros. — É um complemento, já que você tentou mudar os termos originais.

— O que você ganha com isso tudo? Vou perturbar a sua privacidade, tirar o seu dinheiro e você não ganha nada em troca? — Ela o encarou espantada com o arranjo.

— Não quero o seu dinheiro. Não pode simplesmente aceitar a ajuda sem questionar os meus motivos? Eu quero ajudar — disse ele com voz inquieta, terminando de tomar o café e batendo a xícara na mesa com um barulho impaciente.

— Eu quero fazer alguma coisa, dar alguma coisa em troca pelo trabalho que terá. Eu sempre vivi às minhas próprias custas. — Agitada, ela se levantou e pegou as xícaras. Levando-as até a pia, molhou-as antes de colocá-las na lava-louças. Sinceramente, ela devia estar beijando os pés dele em gratidão, mas, por algum motivo, ficar em dívida com ele a incomodava. Não estava acostumada a receber nada. De ninguém! Era uma sobrevivente, fazendo o necessário para ficar apenas um passo à frente da pobreza total. Aquilo era muito estranho, muito confuso.

Kara se virou e bateu de encontro ao corpo poderoso de Simon, uma força que impediu com facilidade que ela avançasse. O homem era como concreto, fixo e imóvel. Ela colocou as mãos nos bíceps sólidos e musculosos para se equilibrar. — Desculpe — murmurou ela, mas ele não se afastou.

— Só há uma coisa que quero de você, Kara. — A voz dele era baixa e rouca. Ele se abaixou e inalou, como se estivesse sentindo o cheiro dela. Ele colocou uma mão em cada lado do balcão, prendendo-a no lugar.

O homem era como um poço de testosterona e cada hormônio feminino no corpo dela saltou alegremente à atração masculina. Ele a envolveu, prendendo-lhe o corpo em um transe, fazendo com que ela quisesse se render à dominação dele. Alguma coisa dentro dela derreteu, querendo se jogar nos braços poderosos. — O quê? — O que ele poderia querer dela?

Ela estremeceu quando ele se aproximou ainda mais, sentindo o calor que irradiava do corpo dele. Kara tinha um metro e setenta de altura, mas Simon era muito maior em altura, força e poder. Ele abaixou a cabeça, aproximando os lábios da orelha dela. — Você. Na minha cama. Uma noite. Qualquer coisa que eu quiser, qualquer coisa de que eu precisar. — O sussurro provocante e baixo dele enviou ondas de fogo pelo corpo inteiro de Kara.

— Eu? — Ela se contorceu quando os lábios famintos dele desceram-lhe pelo pescoço, fazendo com que as entranhas dela se contraíssem com necessidade e deixando-lhe o sexo molhado.

— Você. Uma noite — repetiu ele. As mãos de Simon desceram para os quadris dela e acariciaram-na por cima do roupão de seda, explorando-lhe o corpo de forma faminta.

Ela inclinou a cabeça para o lado, dando a ele acesso para explorar a pele sensível do pescoço. Ah, meu Deus, a sensação era incrível, o cheiro dele era muito gostoso. Ela não conseguiu pensar

quando a boca dele desceu sobre a sua.

Simon não pediu, ele exigiu. A língua empurrou a abertura dos lábios insistentemente e ela cedeu, deixando que ele a tomasse, explorando-lhe a boca com movimentos exigentes. Ela soltou um gemido involuntário sob o beijo, sentindo-se arrebatada e enlevada, respondendo de forma automática e cheia de desejo. A língua dela encontrou a dele, explorando-o, sentindo-lhe o gosto.

Sem soltá-la do abraço cheio de paixão, as mãos dele subiram para abrir o roupão, correndo dedos possessivos sobre a pele receptiva e os mamilos enrijecidos. Ele beliscou e acariciou alternadamente, aumentando o desejo dela até que perdesse o controle. Ele colocou a coxa forte entre as pernas dela e ela pressionou o corpo, desesperada para sentir a fricção. Ela enterrou as mãos nos cabelos pretos grossos, fechando-as em punhos ao sentir uma onda de prazer erótico.

Ele afastou a boca, com a respiração pesada como se tivesse corrido uma maratona. — Minha nossa, você é tão gostosa, Kara. Tão receptiva. — O corpo dela pulsou quando ele correu a mão pelo abdômen.

Ela estremeceu quando os dedos de Simon chegaram à boceta saturada, estimulando a pele rosada e sensível, recuando a coxa para explorá-la mais profundamente.

— Tão molhada, tão pronta — sussurrou ele ao acariciar o clitóris. — Consigo sentir o seu cheiro, que está me deixando louco. Quero sentir o seu gosto.

— Ah, meu Deus. Por favor! — Kara estava presa na sensação, com os nervos formigando por todo o corpo. Ela colocou as mãos nos ombros dele, precisando se apoiar para não cair.

— Tão doce — murmurou ele no ouvido dela. Ele percorreu o lado do pescoço de Kara com a língua, movendo-a em um ritmo que imitava o que queria fazer em outro local, deixando-a totalmente tomada pelo desejo de senti-lo lá, fazendo com que quisesse aquela língua de veludo entre as pernas.

Ela moveu os quadris, precisando de mais contato, mais daqueles dedos talentosos e provocantes. — Simon, eu preciso...

— Eu sei do que você precisa. Da mesma coisa que eu. Mas, por enquanto, posso lhe dar isso. — Os dedos dele se fecharam sobre o clitóris inchado, deslizando pelas dobras molhadas, encontrando o lugar onde ela precisava ser tocada.

Ela gemeu quando ele aumentou o ritmo e a intensidade. Kara estava descontrolada com a necessidade animal e um gemido escapou-lhe dos lábios quando uma mão continuou a tortura erótica nos seios, enquanto a outra mantinha um ataque implacável no clitóris inflamado. — Sim! Ah, sim! — Kara sabia que a voz quente e apaixonada era dela própria, mas mal a reconheceu. Era uma súplica aguda de satisfação sexual.

A boca de Simon engoliu o gemido dela, como se ele quisesse cada gota do prazer dela. Ela respondeu, mordendo-lhe o lábio, abrindo-se para que ele a tomasse, rendendo-se completamente.

O canal interno se contraiu e ela sentiu o clímax iminente da cabeça aos pés. Afastando a boca da dele, ela jogou a cabeça para trás e soltou um grunhido longo quando o orgasmo invadiu-lhe o corpo, fazendo com que sentisse ondas de prazer que nunca sentira antes.

Ela deitou a cabeça no ombro dele enquanto as ondas continuavam a fazer com que o corpo estremecesse. — Minha nossa, o que foi isso? — A respiração dela estava pesada. Simon fechou o roupão e puxou o corpo enfraquecido dela contra o seu.

— Prazer. Só uma amostra do que podemos ter na cama — respondeu ele baixinho, com o corpo largo balançando-a de leve enquanto Kara se recuperava. — Eu gostaria de uma noite, Kara. Não

porque você precise fazer isso, mas porque também quer. Eu ajudarei você mesmo que isso não aconteça. É opção sua me dar ou não o que quero. Mas, esteja avisada... gosto de estar no controle.

Ainda abalada, com a mente em estado caótico, ela perguntou: — E o que exatamente significa isso?

— Rendição total — respondeu ele em uma voz baixa e rouca que vibrava com paixão mal contida. — Pense no assunto. Basta dizer sim e darei a você cada gota de prazer que sou capaz de dar.

— Não sou muito experiente. Eu... você ficaria desapontado. — Ela não fazia sexo havia mais de cinco anos e, mesmo assim, fora somente com um namorado. Fora o único relacionamento sexual que tivera, um que durara cinco anos e terminara mal.

— Não quero experiência sexual. Só quero você — respondeu ele abruptamente ao recuar, dando-lhe um pouco de espaço.

Kara notou o olhar tenso no rosto dele, os sulcos em volta da boca. Ela abaixou o olhar para a virilha dele, vendo o pênis rígido contra o tecido da calça.

Ele se inclinou para a frente e beijou-lhe gentilmente a testa. — Decida depois. Você passou por muita coisa hoje e precisa se recuperar da doença. Descanse. Coma. Relaxe. Estarei no laboratório de informática no andar de cima, se precisar de alguma coisa. Nina chegará em breve com as suas roupas. Pode ficar com o roupão. Ele fica bem em você. Mas, só para deixar claro... terei uma ereção imediata sempre que você o usar. Vou me lembrar de todas as respostas deliciosas, de todos os sons doces vindos de você enquanto gozava nos meus braços.

Kara agarrou o balcão atrás de si, com as juntas dos dedos esbranquiçadas pela força. Ele se virou e afastou-se, com os músculos ondulando nas nádegas e nas costas perfeitas quando saiu casualmente da cozinha.

— Isso realmente aconteceu? — sussurrou ela com voz atônita, torcendo para que aquele dia inteiro fosse apenas um pesadelo e que pudesse acordar na própria cama, no próprio apartamento minúsculo.

Simon Hudson era um perigo para a sanidade dela, de quem precisava ficar o mais distante possível.

Quatro meses. Será que conseguiria? Ela endireitou o corpo e prendeu o roupão mais apertado em volta de si. Ela era uma sobrevivente. Conseguiria sobreviver. Simon dissera que dormir com ele não era uma exigência. Não precisava acontecer.

Kara respirou fundo, tentando relaxar o corpo. Ela faria o que pudesse para ajudar Simon, *exceto* dormir com ele. Poderia cozinhar, limpar, ajudá-lo com qualquer coisa que precisasse ser feita. Não ter um emprego a deixaria inquieta. Devia haver outras formas de retribuir.

Você quer. Você sabe que o quer.

Ela balançou a cabeça, tentando silenciar os pensamentos. Envolver-se com Simon Hudson não era uma boa ideia. O gênio bilionário era o tipo que a deixaria destruída depois de uma noite de paixão. Acabara de provar isso e ela nem mesmo fizera sexo com ele.

Mas agora você sabe que seria uma noite incrível da qual nunca se esqueceria.

E seria. Era isso que temia. Seria memorável demais.

Balançando a cabeça, ela subitamente se lembrou da clínica. Deveria ter ido lá naquela manhã.

Ah, merda. Preciso telefonar para Maddie. Como pude me esquecer disso?

Kara era voluntária todas as manhãs de sábado na clínica infantil gratuita da dra. Madeline Reynolds. Era algo que fizera todos os sábados no ano anterior e, apesar de ainda não ser enfermeira licenciada, ajudava em todas as tarefas que podia para que Maddie pudesse atender o maior número possível de crianças naqueles dias.

Kara pegou um telefone sem fio do balcão da cozinha e rapidamente discou o número da clínica, explicando a Maddie o que acontecera e pedindo desculpas por não ter aparecido.

— Você não é uma funcionária paga, Kara, apesar de eu apreciar o fato de continuar vindo para ajudar. Está tudo bem aqui hoje. Você está bem? Precisa de um lugar para ficar? — A voz de Maddie estava preocupada e o coração de Kara ficou mais leve. Maddie era tão generosa, tão atenciosa... mas não podia se aproveitar da amiga. Kara sabia que Maddie colocava cada centavo extra que tinha na clínica gratuita e não fazia muito tempo que se formara na faculdade de medicina. Kara ouvira Maddie dizer brincando, mais de uma vez, que ainda estaria pagando o empréstimo para a faculdade quando se aposentasse.

— Não, estou bem. Tenho um... amigo me ajudando — respondeu ela, torcendo para que a voz soasse normal.

Houve uma pausa e Maddie disse em tom firme: — Telefone se precisar de ajuda, Kara. Você fará isso, certo?

— Sim, farei. Prometo. Vejo você no sábado que vem.

— Cuide-se. Se algum dia encontrar aquela vadia da sua colega, pode me telefonar. Quero dar uma surra nela — disse Maddie em tom indignado.

Kara riu. — Você terá que ficar na fila. Estou furiosa o suficiente para fazer isso eu mesma.

Depois de garantir a Maddie que ficaria bem, Kara desligou com um suspiro e atravessou o apartamento, querendo ver o que sobrara de seus pertences.

Você conseguirá. Já chegou até aqui. Quatro meses, será fácil. Algum dia, poderá repor o que recebeu.

Um arrepio desceu-lhe pela espinha enquanto procurava o quarto de hóspede onde estavam seus poucos pertences, sentindo que os quatro meses seguintes seriam um desafio muito maior do que os que já enfrentara.

Pobreza!

Solidão!

Rejeição!

Insegurança!

Medo!

Tudo isso parecia muito fácil em comparação a alguns meses com Simon Hudson.

A tentação seria um problema enorme.



Capítulo 5

Nos seis dias seguintes, Kara descobriu que morar com Simon era fácil... desde que as coisas fossem feitas do jeito dele. Ela se viu resmungando, mais de uma vez, sobre a atitude de comando. E as táticas autoritárias dele. Sem dúvidas, o homem era generoso e Kara já tivera vários ataques histéricos por causa do dinheiro que gastara com ela. Roupas, *notebook*, *iPhone*, *iPad*, *iPod* — Simon adorava bugigangas que começavam com *i-* e qualquer coisa que achasse ser essencial para o bem-estar dela. Ela tentara explicar pacientemente que antes vivera muito bem sem aquelas coisas, mas Simon simplesmente resmungara e logo dera a ela outro suposto item essencial, apesar de nenhum deles ser necessário.

A única briga que Kara conseguira vencer fora a discussão sobre comprar um carro para ela. Kara batera o pé e recusara, dizendo a ele que preferia andar de ônibus. Honestamente, ela não vencera de verdade aquela discussão. O único motivo pelo qual ele cedera fora porque o motorista, um homem simpático chamado James, levava Kara para a faculdade todos os dias e buscava-a novamente no final da aula. James parecia estar sempre à disposição, apesar de o próprio Simon dirigir o Bugatti Veyron até o escritório todas as manhãs. Kara quase engasgara na primeira vez em que vira o carro elegante e absurdamente caro que só vira anteriormente em fotos. Simon deu de ombros, dizendo a ela que Sam também tinha um, só que mais novo, um fato que parecia irritá-lo sempre que o veículo precioso era mencionado. Kara revirara os olhos e afastara-se. Sinceramente, ele era como um garotinho... só que mais rico — muito mais rico — e os brinquedos dele eram infinitamente mais caros.

Nina, assistente pessoal de Simon e outra funcionária com quem ela simpatizara imediatamente, entregou as roupas novas de Kara na manhã do sábado anterior. E não chegara sozinha. Fora preciso uma legião de homens fortes e grandes para carregar um guarda-roupa totalmente novo que decididamente não fora comprado em uma loja de departamentos comum. Kara tinha agora um closet imenso cheio de roupas de grife caras, a maioria das quais provavelmente nunca usaria. Pelo amor de Deus, até mesmo as calças jeans eram caras e de grife. Cada item serviu nela com perfeição. Simon verificara os tamanhos nas roupas velhas que estavam na mochila dela. O incidente com as roupas fora a primeira experiência de muitas que mostraram a Kara que Simon nunca fazia nada em pequena escala.

Ela ficara indignada ao perceber quanto dinheiro ele depositara em sua conta bancária. Como diabos o homem descobrira o número da conta? Ele só dera de ombros novamente e pedira a ela que avisasse se precisasse de mais dinheiro. Mais dinheiro? Ele transferira cem mil dólares para a conta dela, fato esse que quase fizera com que ela tivesse um ataque do coração ao verificar o saldo. Uma conta que normalmente não chegava a dois dígitos subitamente se transformara em uma fonte infinita de dinheiro. Como alguém conseguiria gastar tanto dinheiro em poucos meses? Kara tentara fazer

com que ele pegasse a maior parte do dinheiro devolta. Ter tanto dinheiro na conta era um pouco assustador e as necessidades dela eram simples. Já tinha tudo de que precisava e muito mais, graças ao Simon Noel. Ele só resmungara um palavrão e alguma coisa sobre ela ser uma mulher teimosa, e ignorara o pedido. Ela finalmente jogara as mãos para o alto e saíra furiosa, resmungando algo sobre homens inflexíveis e arrogantes. Ela ouviu uma risada baixinha ao sair do aposento e forçou-se a não olhar para trás para ver o sorriso de Simon.

Na verdade, ela estava feliz por diverti-lo de alguma forma, pois não conseguia pensar em mais nada para ajudá-lo. Na maior parte do tempo, ela se sentia tomada pela culpa por se aproveitar da natureza generosa dele.

Havia uma equipe que cuidava das roupas sujas e da limpeza do apartamento uma vez por semana, portanto, sobrava pouco que Kara pudesse fazer, exceto cozinhar, e ela tinha bastante tempo de sobra para isso. Cozinhar era praticamente a única coisa de útil que podia fazer para ajudar, mas Simon parecia achar que preparar uma refeição para ele era uma tarefa monumental, semelhante a salvar a vida dele. Parecia que Simon não cozinhava e sobrevivia principalmente à base de sanduíches quando estava em casa, pois nunca quisera contratar um chef em tempo integral. É claro, a assistente pessoal dele fazia compras, uma tarefa que Kara assumira, deixando Nina grata. A assistente de Simon dissera que estava cansada de ver Simon comer jantares de micro-ondas e sanduíches que pedia todas as semanas. A mulher minúscula e bem conservada, com sessenta e poucos anos, só murmurara um “aleluia, finalmente ele comerá” enfático e, bastante feliz, entregara a lista de compras comum para Kara.

Kara fechou o livro de enfermagem ao terminar de estudar e alongou as costas, rolando sobre a cama imensa do quarto de hóspedes até ficar virada para o teto.

Ela devia perguntar a Simon o que ele queria para o jantar, apesar de já saber a resposta.

Qualquer coisa que eu não precise cozinhar!

Ele normalmente passava a manhã no escritório, e a tarde e o início da noite no laboratório no andar de cima. O apartamento era enorme e Kara ficou imaginando se algum dia encontraria o caminho sem fazer algumas curvas erradas.

Saltando da cama, ela passou pela bela sala de estar, admirando a vista pela janela imensa. Simon morava na cobertura, o maior apartamento do prédio, e cada luz brilhante de Tampa se estendia diante dela em um esplendor de tirar o fôlego. Era incrível ter aquela vista deslumbrante todas as noites. Ela desejou que Simon parasse um momento para apreciá-la. Ele parecia obcecado com um projeto no momento e só descia rapidamente para jantar antes de voltar para o laboratório.

Kara perguntou a si mesma se Simon a estava evitando e sentiu-se culpada porque ele talvez estivesse escondendo-se dentro da própria casa. Eles não conversaram sobre o que acontecera na cozinha seis dias antes. Conviviam de forma polida, com conversas superficiais durante o jantar.

Quando ela fez uma curva e chegou à escada espiral preta, admitiu para si mesma que queria a companhia dele. Trabalhar e ir para a faculdade tinham-na mantido ocupada e afastado a solidão. Agora, ela tinha tempo livre demais à noite, exceto assistir à televisão enorme de Simon ou ler depois que terminava de estudar. Ficar sozinha era ótimo, mas acabava sendo solitário demais noite após noite. Pelo menos, quando estava trabalhando, tinha a companhia de clientes e dos outros funcionários.

Desgostosa consigo mesma, ela virou à esquerda ao chegar no topo da escada, andando na direção do laboratório de Simon. Do que ela podia reclamar? Tinha todos os luxos, todas as conveniências.

Morava em uma casa com a qual a maioria das pessoas apenas sonhava e não precisava se preocupar com dinheiro. Ainda assim, ela queria um pouco mais da companhia de Simon, quando deveria apenas estar grata por ter um teto sobre a cabeça e uma quantidade infinita de comida.

Parando do lado de fora da porta do laboratório, ela bateu de leve.

— Entre. — A resposta abrupta e distraída fez com que ela sorrisse. Com certeza, ele estava concentrado em algum projeto.

Normalmente, ela só colocava a cabeça para dentro. Mas, curiosa sobre o laboratório de Simon, ela entrou e fechou a porta. Havia computadores por toda parte e Simon tinha uma cadeira de rodinhas que deslizava de um computador a outro, o que era facilitado pelo plástico que cobria o piso sob o círculo de computadores. Ela andou pelo carpete felpudo até que os pés encontraram o plástico liso e olhou para as telas dos computadores. Ela ficou de boca aberta ao perceber que reconhecia a imagem na tela maior.

Estreitando os olhos, ela perguntou baixinho: — Ei. Esse é *Myth World*?

Ele ergueu a cabeça subitamente e olhou para ela com expressão surpresa. — Sim! Você conhece o jogo?

— Se eu conheço? Estou no nível máximo — respondeu ela, sentindo-se ligeiramente insultada por ele achar que não conhecia um jogo tão popular. — Lydia tinha esse jogo e fiquei viciada depois de jogar pela primeira vez.

Ela adorava o jogo e sempre jogava um pouco quando podia no computador de Lydia, mesmo se fosse tarde da noite. Era o único luxo que se permitia. Não conseguia resistir a deixar que o computador a levasse para um mundo inteiramente novo quando jogava, desafiando-a a encontrar segredos e lutar contra figuras mitológicas.

Os lábios de Simon começaram a se curvar, aumentando cada vez mais até se abrirem em um sorriso imenso que fez com que o coração dela saltasse no peito. Era o primeiro sorriso honesto e completamente brilhante que ela vira no rosto de Simon. Ele rolou a cadeira até a tela do computador com as imagens familiares ao responder: — É o meu jogo. Esse é o *Myth World II*.

— Ah, meu Deus! Deixe-me ver. — Ela parou na frente dele empolgada. Não vira o jogo original durante uma semana e ali estava a adição mais recente. Bem na casa onde ela morava. — Está pronto? Posso jogar? Sinto muita falta dessa pequena fuga da vida real.

— Só tenho a demonstração. Ainda não está no mercado. Pode tentar, se quiser — respondeu Simon em tom indulgente. Ele mexeu nos controles e levantou-se, deixando que ela colocasse o traseiro na cadeira disponível e concentrasse-se no novo jogo.

Era similar, mas ainda assim completamente diferente, e Kara mordeu o lábio inferior ao tentar descobrir todos os detalhes intrincados do jogo. — Você deixou o jogo mais difícil — acusou ela com uma risada.

— A versão original era fácil? — perguntou ele com um sorriso.

— Não. Mas não era tão difícil — respondeu ela com os olhos concentrados na tela cheia de ação.

— Era sim. Você só não está acostumada ainda com essa. — Com os olhos varrendo o rosto dela, ele perguntou: — Do que você gosta no jogo?

— Da estratégia, do desafio de descobrir os segredos, do mundo de faz de conta. É como ser jogada em outra dimensão por um curto tempo. — Ela olhou para ele ao ser completamente destruída

na tela. — Você é um gênio, Simon — disse com total sinceridade. — Eu não tinha me dado conta de que esse era um jogo da Hudson.

Kara podia jurar que ele corou ao virar a cabeça, respondendo em tom casual: — É só coisa de informática. Nada demais.

Ela afastou as mãos da mesa e colocou-as sobre o colo ao dizer a ele enfaticamente: — É incrivelmente criativo, Simon. É preciso muito mais do que programação para criar algo assim.

— Eu o instalarei no seu *notebook* — disse ele baixinho.

— Ah, Deus, não. Nunca vou conseguir estudar assim. — Os olhos dela sorriam e o tom era divertido.

— Acho que você consegue se controlar — retrucou ele, parecendo desapontado.

— Claro que não. Não tenho o menor controle quando se trata do *Myth World*. Você criou algum outro jogo?

— É claro, dezenas deles.

— Você se importaria de colocá-los no PC lá de baixo? — perguntou ela hesitante.

— Você pode subir aqui e jogar naquele computador. — Ele apontou para um computador grande e para uma cadeira em um dos cantos da sala. — Todos os meus jogos estão nele. Na verdade, acho que qualquer jogo em que conseguir pensar está lá.

Ela colocou a mão sobre o coração fingindo estupefação. — Ah, que horror! Você tem jogos de outras pessoas naquele computador?

Ele se aproximou dela com um sorriso malicioso. — Algumas vezes, acho necessário... conferir a concorrência.

— E eles são bons? — Ela olhou para ele, adorando aquele lado meio infantil de Simon.

— Não muito... mas preciso acompanhar o que está vendendo — disse ele em tom impertinente.

Meu Deus, o homem era tão atraente quando estava brincando. Mas que merda, ele era sempre atraente. Ela sentiu o aroma masculino com um toque de sândalo. Era um aroma quente e rico que fez com que o corpo dela formigasse. — Se não se importa, vou aceitar a sua oferta. Não estou acostumada a ter tempo livre e não acompanho todos os programas de televisão recentes. Fico um pouco solitária às vezes. Esse lugar é tão grande. — Por que ela admitira aquilo? — Só não fique chateado quando eu não fizer o jantar na hora certa. Eu me perco nos seus jogos — ela disse em uma voz de advertência fingida, uma tentativa de aliviar a tensão.

Ele se agachou sobre um dos joelhos, deixando os olhos no mesmo nível dos dela. — Está se sentindo sozinha aqui, Kara? — O tom dele era preocupado e os olhos escuros encontraram os dela. — Não gosta daqui?

— Não. Ah, não. Simon, eu adoro. Como poderia não estar feliz? — Ela suspirou, tentando explicar. — É só que não estou acostumada a ter tanto tempo para pensar, tanto tempo para mim mesma. Demora um pouco, depois do ritmo maluco que eu tinha.

— Suicida, você quer dizer — disse ele em tom tenso. — Aquele estilo de vida estava drenando você completamente, Kara.

— Eu sei. E estou grata. De verdade. Isso só é diferente — garantiu ela, sem querer que ele achasse que estava sendo ingrata. Que merda, ela estaria nas ruas se não fosse pela generosidade dele, mas, mesmo assim... — Eu ficarei mais feliz se estiver aqui em cima com você.

— Você quer a minha companhia? — Ele estudou o rosto dela, parecendo espantado.

— É claro. Eu sei que você é ocupado. E achei que talvez estivesse me evitando depois... bem, depois de...

— Depois que eu disse que queria foder você? — perguntou ele em tom direto, mantendo os olhos dela prisioneiros.

— Sim — ela soltou a respiração devagar, sobressaltada pela declaração brusca, mas feliz por terem tocado no assunto. Aquilo fizera com que ela se sentisse ansiosa.

— Eu não estava evitando você, Kara. Quero ver você, estar com você, mesmo que não queira fazer sexo comigo — declarou ele em tom firme.

— É mesmo? — perguntou ela ligeiramente espantada. — Por quê?

— Eu também me sinto sozinho às vezes. Gosto da sua companhia.

Ela respirou fundo, tentando fazer com que o coração batesse mais devagar.

Eu quero que você me foda. Quero que me possua de cem formas diferentes e, depois, faça tudo de novo.

Ela prendeu a respiração ao estudá-lo. Só de pensar naquele corpo grande, sólido e dominador sobre o seu fez com que se mexesse inquieta na cadeira. Os dedos queriam tocar no rosto que estava tão perto do seu, acariciar o maxilar sensual com uma sombra de barba que deixava as cicatrizes quase invisíveis. Estranhamente, aquelas pequenas cicatrizes o deixavam ainda mais atraente, tornando-o mais masculino e irresistível.

Não, Kara. Nem pense nisso. Jantar. Você veio perguntar a ele sobre o jantar. Simon Hudson não é da sua laia.

— N-na verdade, vim aqui perguntar o que você gostaria para o jantar. — A voz dela estava instável e Kara praticamente tropeçou nas palavras. A proximidade de Simon a afetava, fazendo com que quisesse muito mais do que apenas a companhia dele. Ela empurrou a cadeira para trás e levantou-se, limpando nervosamente a palma suada das mãos na calça.

Aquilo não ajudou. Simon se levantou. — Vou ajudar você. Acabei aqui por enquanto.

Kara engoliu em seco, imaginando se a cozinha imensa seria grande o suficiente para os dois. Ela queria estar perto dele, mas não perto o suficiente para que o desejo a consumisse. — Está bem. Vamos ver o que conseguimos. — Os passos dela eram longos e rápidos ao andar na direção da cozinha, feliz porque teria a companhia de Simon, mas sem saber ao certo como lidar com o corpo traidor e com sua reação a ele.

Rendição total.

O que exatamente ele quisera dizer com aquilo... e será que ela realmente queria descobrir?



Capítulo 6



Simon sabia que estava lenta e silenciosamente entregando-se, com a mente vagando a lugares aonde não deveria ir, e tivera que trabalhar várias horas extras nos dias anteriores só porque não conseguia pensar em nada além do fato de que Kara estava lá, em sua casa, deixando-o cada vez mais perto da insanidade.

Se eu não fodê-la em breve, vou ficar completamente maluco.

Feliz por estar andando atrás dela, que não conseguia ver a ereção óbvia, ele observou os quadris de Kara rebolando na calça jeans apertada enquanto a seguia até a cozinha. O perfume fresco e provocante emanava do corpo dela e ele o absorveu como um homem sem oxigênio, faminto pela fragrância deliciosa. Ele sentia o cheiro dela em todos os lugares, até mesmo no próprio quarto. O aroma de Kara parecia ter impregnado cada parte da casa dele, lembrando-o da presença dela. Como poderia esquecer?

O que havia nela que o fascinava tanto? Ela não tentava parecer irresistível. Usava pouquíssima maquiagem e Simon nunca a vira usando qualquer outra coisa que não fosse jeans — exceto aquela noite em que ela aparecera naquela minissaia minúscula — mas ele estava completamente enfeitiçado.

— Por que você não tem namorado? — perguntou ele curioso. — Não seria mais fácil ir para a faculdade se tivesse um homem na sua vida?

Eles já estavam na cozinha e Kara retirava repolho, pimentões e outros legumes da geladeira. — Você quer ajudar a cortar os legumes para a salada? Vou fazer uns bifês. — Ela pegou a carne da geladeira antes de perguntar: — Por que eu iria querer um namorado enquanto estou na faculdade? — Lançando-lhe um olhar perplexo, ela pegou uma tábua de cortar carne e entregou a ele uma faca.

— Alguém para ajudar. Não seria mais fácil? — retrucou ele enquanto lavava os legumes. Ele começou a cortá-los desajeitadamente, pois culinária não era um de seus pontos fortes.

Ele quase cortou o dedo quando ela caiu na gargalhada antes de responder: — Pela minha experiência, namorados não são exatamente úteis.

Ela tinha um ar divertido, mas Simon notou um toque de mágoa na voz. — Experiência ruim?

— Exatamente.

— O que aconteceu?

Ela colocou os bifês na grelha e empurrou-o para fora do caminho. Em seguida, abriu a geladeira e pegou uma cerveja. Tirando a tampa, entregou-a a ele e afastou-o na direção da área da ilha. — Eu cortarei. Provavelmente você amputará um dedo ou dois.

Simon fez uma careta ao se sentar e observou o perfil dela enquanto cortava e picava como uma profissional. — Então, o que aconteceu?

Ela suspirou. — Namorei Chris por cinco anos. Achei que acabaríamos nos casando. Infelizmente, cheguei em casa do trabalho mais cedo um dia e peguei-o na cama com a pessoa que achei ser a minha melhor amiga.

O cara era totalmente insano? Tinha Kara na cama dele todas as noites e quis outra pessoa? — Era um idiota.

— Não era para acontecer. Na verdade, fiquei grata por não estar casada com ele.

— Ainda está magoada com isso.

Ela deu de ombros. — Foi há muito tempo.

— Imbecil. — Simon não conseguiu se conter. Queria bater no filho da puta.

— E você? — Ela olhou para ele enquanto colocava os pimentões verdes cortados na tigela.

— O que tem eu?

— Namorada? A sensação que tenho é de que estou atrapalhando sua vida. Morando aqui, quero dizer. — Ela não olhou para ele ao começar a cortar os tomates.

Ele deu de ombros. — Nunca tive uma namorada.

Ela parou de cortar e olhou para ele com uma expressão atônita. — Sério?

Simon não falou da única mulher que mudara a vida dele para sempre, com a idade de dezesseis anos. Não dissera o nome dela nem falara sobre ela em anos. Para ninguém.

— Não. Não sou exatamente o tipo de cara muito social. Sam é o namorador compulsivo. Ele tem a aparência certa para isso — respondeu ele secamente, tomando um gole da cerveja.

Ela resmungou alguma coisa que Simon não conseguiu entender direito.

— O que foi? — perguntou ele, tentando entender por que o rosto dela ficara vermelho.

— Eu disse que você é mais bonito que ele.

Simon quase deixou a cerveja cair, mal conseguindo segurá-la antes que derramasse no colo. — Você já viu Sam?

Ela andou até a sala de jantar para colocar a salada sobre a mesa, respondendo em tom mais alto: — Claro. Você tem fotografias dele e de Helen por toda parte.

Ele ficou de boca aberta e esperou até que ela voltasse para conferir os bifés antes de responder com voz rouca: — Então sabe que isso não é verdade.

— Na minha opinião, é — disse ela teimosamente. — Mas não fique muito convencido por causa disso.

Simon sorriu. Somente Kara conseguia lançar um elogio e imediatamente destruí-lo. Ainda assim, ele não conseguia acreditar que ela realmente o achava atraente. — E as minhas cicatrizes? Sam é loiro de olhos verdes, parece um astro do cinema. As mulheres parecem adorar isso. — As mulheres adoravam Sam... e Sam adorava as mulheres. Todas elas! Ele conquistava mulheres de todas as idades. Pena que ele não conseguia manter aquela adoração depois que elas começavam a sair com ele.

— Acho que prefiro homens altos, morenos e rabugentos — disse ela em tom leve ao tirar os bifés do fogão.

Ele pegou um pano, com o sorriso aumentando ao pegar os bifés da mão dela e colocando um em cada um dos dois pratos que Kara separara. Ele a observou com os olhos velados, tentando descobrir se ela estava flertando. Não fazia a menor ideia. Talvez só estivesse sendo simpática. Afinal de contas, ela não conhecia Sam e estava morando na casa dele. Ainda assim, o comentário dela o agradou, fazendo com que se sentisse especial. Ninguém nunca o considerara bonito em comparação

a Sam, exceto, talvez, a mãe. As mulheres que fizeram sexo com ele buscavam ganhos financeiros. Um acordo mútuo que o deixara satisfeito... com aquelas mulheres.

Kara era uma história totalmente diferente. Instintivamente, Simon sabia que um arranjo com Kara que fosse similar aos anteriores que tivera o destruiria.

Ao se sentarem na mesa da sala de jantar, Simon subitamente se lembrou do que conseguira para ela mais cedo. — Tenho uma coisa para você.

Ele quase riu quando ela fez uma careta, balançando a cabeça ao dizer: — Simon, não vou aceitar mais nada. Você já fez o suficiente. Muito mais do que o suficiente.

Ele não achava que tivesse feito nem perto do suficiente, mas respondeu: — Você aceitará isso.

— Não... não vou.

Meu Deus, ele adorava a expressão teimosa no rosto dela. Inclinando a cadeira para trás, colocou a mão no bolso da frente da calça. Ele estendeu a mão, mas Kara ainda balançava a cabeça firmemente. Portanto, largou o objeto sobre a mesa.

— Ah, meu Deus — disse Kara com a voz cheia de prazer e admiração. Ela estendeu a mão e pegou o anel com dedos trêmulos, deslizando-o no dedo lentamente. — O anel da minha mãe. Não achei que fosse vê-lo novamente. Como você o encontrou?

— Em uma casa de penhores — respondeu ele, satisfeito por ter pedido a alguns funcionários que percorressem todas as lojas da área em busca do anel. — Eu sabia que era a única coisa que a deixou triste por perder.

— Não é caro, mas significa muito para mim. É a única coisa que sobrou que pertenceu à minha mãe — gaguejou ela com a voz repleta de emoção.

Simon nunca diria a ela que a colega só conseguira alguns dólares pela joia que tinha no dedo. Era um anel barato, com formato de borboleta e uma ametista minúscula no centro, mas Simon vira a tristeza de Kara por tê-lo perdido.

— Fico feliz por termos encontrado o anel.

Simon não esperava o que ela fez em seguida. Kara levantou depressa da cadeira, colocando o traseiro delicioso no colo dele e passando os braços em volta de seu pescoço. Os braços dele envolveram a cintura dela para impedi-la de escorregar enquanto ela o enchia de beijos. No rosto, nos cabelos, em todos os lugares que conseguia alcançar. Ele sentiu a empolgação irradiando do corpo dela, a alegria saindo por todos os poros. — Obrigada, Simon. Você é o homem mais maravilhoso da face da Terra.

Ah, Cristo! Apesar de ele adorar o entusiasmo e a alegria dela, se Kara não parasse de esfregar aquele traseiro maravilhoso nele, acabaria gozando nas calças. Os seios cheios esfregavam no peito dele e o perfume dela fez com que ele tivesse vontade de devorá-la. Cada centímetro delicioso dela. — Eu acho que mereço um beijo de verdade. Eu lhe disse que você aceitaria — disse Simon em tom suave e cheio de desejo.

Kara correu os dedos pelos cabelos de Simon e os olhares se encontraram quando ela empurrou a cabeça dele para trás. O coração dele quase parou ao vir o brilho faminto e apaixonado nos olhos dela.

Ela fechou as pálpebras lentamente ao descer a boca sobre a dele. Simon fechou os olhos e moveu uma das mãos para a nuca de Kara, suspirando quando os dedos se enterraram na massa sedosa de cabelos escuros. O gosto dela era feminino e faminto, e ele respondeu com um desejo descontrolado que quase o fez gozar. A língua dela provocou a dele entre pequenas mordidas nos lábios, o que fez

com que ele quisesse mais, precisasse de mais. Fazendo pressão na nuca de Kara, ele esmagou a boca contra a dela, querendo explorar cada milímetro da doce caverna. A mão que estava na cintura de Kara deslizou para as nádegas, deixando-a quase completamente colada nele, fazendo-o gemer enquanto as línguas duelavam.

Kara estava tão receptiva, tão ansiosa, que Simon se perdeu para ela naquele momento, sem se importar se algum dia conseguiria se encontrar novamente. *Kara. Kara.* O nome dela latejava em seu cérebro enquanto ele tentava consumi-la, tê-la. Uma possessividade feroz tomou conta dele enquanto a língua varria a boca de Kara, deslizando sensualmente contra a dela.

Ela afastou a boca, respirando pesadamente ao enterrar o rosto no pescoço dele. Simon sentiu o hálito dela contra a orelha enquanto ela lambia e mordiscava toda a extensão do pescoço dele.

— Kara, não sou santo. — Jesus Cristo, ele não aguentaria muito mais. O pênis estava totalmente rígido e cada instinto gritava para que ele a tomasse.

— Eu quero você, Simon. Desesperadamente. — A voz meio sem fôlego dela, dizendo aquelas palavras em particular, fez com que Simon gemesse, desesperado para estar dentro dela. Ainda assim...

— Não faça isso por gratidão — grunhiu ele.

Ela se afastou para encará-lo, os olhos brilhando intensamente com desejo. — Eu nunca faria isso por gratidão. Estou cansada de lutar contra essa atração entre nós, Simon. Quero a minha noite. Aquela que você ofereceu.

Uma noite. O coração de Simon batia com muita força. — Rendição total?

— Não sei exatamente o que isso significa... mas, sim... rendição total. Eu sei que você nunca me magoaria.

A confiança e a fé dela nele quase fizeram com que Simon ficasse de joelhos. Ela não tinha ideia do que enfrentaria, mas queria-o o suficiente para concordar com o que ele pedira. Ele beijou a orelha dela ao sussurrar em voz rouca: — Significa que eu preciso de controle. Quero amarrá-la na minha cama, vendá-la e trepar com você até que nenhum de nós dois consiga se mexer.

Simon sentiu quando ela estremeceu em seus braços, mas Kara respondeu suavemente: — Então faça isso. Leve-me para a cama, Simon.

Mal conseguindo acreditar que ela estava em seus braços e disposta, Simon se levantou e carregou-a na direção do quarto, torcendo para não estar no meio do melhor sonho erótico que já tivera.



Capítulo 7



Kara estremeceu quando Simon a pegou nos braços fortes e musculosos e apertou-a gentilmente contra o corpo poderoso. Realmente acabara de dizer a ele que a levasse para a cama e fizesse o que quisesse com ela? Sim... fizera isso... e estava trêmula de expectativa. O que dissera a ele era verdade. Estava cansada de lutar contra a atração que sentia, uma atração que ia muito além de simples química. Atraída por ele como nunca estivera por qualquer outro homem, era inútil lutar e o resultado era inevitável. O corpo queimava com a necessidade de ser tomada por ele, e apenas por ele.

Uma mulher esperta provavelmente deveria lutar contra a tentação. Mas Kara nunca fora provocada por um homem como Simon Hudson. Ele era um enigma, um mistério que ela ainda não solucionara. Rabugento, abrupto, brilhante... mas também atencioso, gentil e, de vez em quando, ela via uma vulnerabilidade que fazia com que tivesse vontade de abraçá-lo e acalmar a alma turbulenta dele. Kara não tinha dúvida de que, em algum momento na vida, Simon Hudson fora magoado. E muito. Como ela podia resistir ao anseio que sentia por ele? Ela precisava ter uma noite com ele, uma chance de sentir desejo de verdade. Se não agarrasse aquela oportunidade, sabia que se arrependeria pelo resto da vida. Era puro instinto, mas ela crescera em um ambiente difícil e aprendera a ouvir a intuição.

E a intuição gritara em seu cérebro a noite inteira, insistindo para que aceitasse a proposta de Simon, dizendo-lhe que deveria aproveitar a chance de viver a paixão e o desejo como nunca experimentara antes e que talvez nunca mais tivesse.

Kara sentiu os pés encostarem no carpete do quarto de Simon quando ele a abaixou lentamente até o chão, com os dois corpos encostados um no outro até que ela se equilibrasse. A expressão dele era volátil, os olhos escuros com desejo e ansiedade ao descer a boca sobre a dela. Uma necessidade selvagem a invadiu e ela apertou os braços em volta do pescoço de Simon enquanto ele atacava-lhe a boca. Ele soltou os cabelos dela e enterrou os dedos neles, puxando-a mais para perto. A outra mão desceu e agarrou-lhe as nádegas firmemente, puxando-a para cima contra o pênis rígido, fazendo com que ela gemesse com o desejo de tê-lo dentro de si. Ela já estava molhada, pronta para ser possuída.

Precisando sentir a pele dele contra a sua, ela agarrou a camisa de Simon, desesperada para tocá-lo.

— Não — disse ele, afastando-se dela e agarrando-lhe o pulso.

— Eu só preciso tocar em você — disse ela ofegante, confusa pela mudança de atitude dele.

— Eu preciso de você nua. Isso tem que ser feito do meu jeito, Kara — disse ele baixinho. — Eu disse a você o que queria. E estava falando sério.

A voz dele era exigente, mas Kara ouviu um traço de vulnerabilidade naquela declaração. Querendo que ele a possuísse mais do que queria respirar, ela recuou e tirou a camiseta por sobre a

cabeça. Abrindo o botão da calça jeans, ela abaixou o zíper ao encontrar o olhar dele sem timidez nem hesitação. Abaixando a calça justa, deixou que caísse no chão, chutando-a para longe. Ela ficou parada, sem afastar o olhar do rosto dele, vestindo apenas um sutiã preto de seda minúsculo e calcinha da mesma cor.

— Puta merda, você é a mulher mais bonita que eu já vi — disse ele em tom reverente ao colocar a mão no rosto dela. Em seguida, deslizou o dedo lentamente pela lateral do pescoço até chegar ao volume dos seios, acentuado pelo sutiã minúsculo.

— É a lingerie cara — disse ela suavemente, com a respiração ofegante. Ele acariciou a parte de cima dos seios de leve, fazendo com que ela estremecesse de desejo.

— É você — retrucou ele, descendo os dedos até o fecho do sutiã, que ficava na frente. O sutiã se abriu com facilidade, derramando os seios nas mãos ansiosas dele. — Você é perfeita.

Kara sacudiu os braços e o material caiu no chão silenciosamente. Ela gemeu quando as mãos dele passaram pelo seu corpo, agarrando a pele macia dos seios, com os polegares provocando os mamilos sensíveis. Os dedos dele deixavam rastros quentes onde tocavam-lhe a pele.

— Apesar de eu adorar essa calcinha, ela tem que sair daí — insistiu ele com voz rouca, um mero sussurro, ao beijar de leve o lóbulo da orelha de Kara.

Em uma fração de segundo, a calcinha desapareceu. O desejo que ela sentia de tê-lo dentro de si era intenso e as entranhas gritavam por alívio.

O desejo e a apreensão lutaram na mente dela ao ficar parada em frente a Simon completamente nua. — Simon, não estive com ninguém por um longo tempo.

— Quanto tempo? — resmungou ele, agarrando as nádegas dela possessivamente.

— Cinco anos. E, mesmo então, eu não era muito boa na cama. Só foi com o Chris e eu não era boa o suficiente para satisfazê-lo — respondeu ela suavemente, tentando não deixar que as inseguranças do passado voltassem à tona.

— Ele disse essa merda para você? — insistiu ele, com a respiração quente no pescoço dela.

— Sim. Ele disse que era por isso que precisava de outra mulher — gaguejou ela, sentindo-se humilhada. Ela acreditara em Chris. Apesar de ele ter sido o primeiro e único homem, ela sabia que alguma coisa estava faltando.

— Ele era um completo idiota, Kara. Você é tudo o que um homem poderia querer ou sonhar. Exatamente do que eu preciso. O problema era ele, não você — rosnou ele, colocando as mãos nos lados da cabeça dela e afastando-a até que os olhares se encontraram.

— Eu quero fazer isso. De verdade. Eu quero você. Só estou um pouco nervosa — admitiu ela, com o corpo ainda vibrando de excitação. — E não quero desapontar você.

— Escute bem — disse ele ao fechar os punhos nos cabelos dela. — Você nunca, nunca me desapontaria. Eu quero você tanto que estou prestes a perder a cabeça. Eu tenho você. Eu tenho controle. Eu tomo as decisões. Você não precisa fazer nada além de gozar, o mais alto e por quanto tempo quiser. Você me dá prazer só de estar aqui e sentir desejo por mim. Eu ficarei totalmente feliz se conseguir fazê-la gozar.

Ela suspirou, relaxando o corpo. Simon faria com que fosse bom. Ela já sabia disso. — Então faça com que eu goze, Simon. Leve-me para a cama.

Simon a pegou nos braços e colocou-a no meio da cama, puxando a coberta com força até que ficasse amontoada na beirada. As nádegas de Kara foram acariciadas pelo lençol de seda preta quando ela puxou o corpo mais para cima.

Simon se sentou na beirada da cama, estendendo a mão para a cômoda ao lado e retirando quatro algemas revestidas de pele e uma longa faixa de seda preta.

— Rendição completa — murmurou ela baixinho ao se recostar nos travesseiros cobertos de seda.

— Sim — respondeu ele suavemente. Os olhos dele passearam famintos pelo corpo dela quando ele pegou-lhe o braço para prender a primeira algaema.

Ela não tinha dúvida de que Simon fizera aquilo muitas vezes antes. Em menos de um minuto, ela estava presa na cama com as pernas abertas. Ela observou os olhos famintos dele sobre seu corpo enquanto a prendia.

Ela ficou surpresa com a própria reação. Quanto mais indefesa ele a deixava ao prender cada membro na cama, mais excitada ficava. Ficar aberta daquela forma para o prazer dele dava-lhe uma liberdade que nunca sentira. Nenhuma decisão a tomar, nada de se preocupar com o que daria prazer a ele. Simon era o mestre e tudo o que ela precisava fazer era esperar o prazer. Havia alguma coisa tão erótica em estar presa na cama dele que ela mexeu os quadris e gemeu suavemente ao puxar as algemas, sentindo-as se moverem muito pouco, mas sem dor alguma.

— Você vai me amordaçar? — perguntou ela curiosa, mas sem sentir medo.

— Ah, claro que não. Quero ouvir cada grito de prazer, cada som doce que fizer ao gozar para mim.

O calor que percorria o corpo de Kara chegou ao ponto de ebulição ao ouvir as palavras sensuais dele. Ela fechou os olhos, tão desesperada por alívio que gemeu baixinho.

Abrindo os olhos novamente, ela viu o rosto dele, ávido e selvagem, logo antes de ele bloquear-lhe os olhos com uma faixa de seda preta, obstruindo toda a visão e deixando tudo completamente escuro. Ela teve um momento de pânico, mas sentiu o hálito quente de Simon na orelha e a língua dele acompanhando o contorno dela ao sussurrar: — Não conseguir enxergar aumentará todas as sensações, Kara. Cada toque da minha língua será mais agudo e mais intenso. Tudo será mais excitante.

— Já estou excitada o suficiente, Simon. Pelo amor de Deus, toque-me antes que eu morra de desejo — reclamou ela, esperando na escuridão para sentir o toque dele.

Ela ouviu uma risada baixinha quando ele saiu da cama e o farfalhar das roupas dele quando caíram no chão. A cama inclinou com o peso do corpo dele novamente. — Você é tão incrivelmente bonita que é difícil decidir por onde começar. Eu imaginei isso por tanto tempo. Não acredito que esteja realmente aqui comigo. Na minha cama. — A voz dele estava rouca e grave.

Kara estava prestes a abrir a boca para dizer a ele que escolhesse qualquer ponto, *mas, por favor, comece logo*, quando a boca de Simon cobriu a sua. O beijo foi voraz e cheio de desejo. Ele estava nu e ela suspirou ao sentir a pele quente dele contra a sua. A boca e a língua exigente a devoraram completamente, enquanto uma mão errante acariciava-lhe o corpo, provocando os mamilos, deslizando pelos quadris, movendo-se entre as pernas abertas amarradas e encontrando as dobras molhadas.

Ela afastou a boca, ofegando quando os dedos dele deslizaram pela pele macia, esfregando o clitóris inchado e sensível. — Por favor, Simon. Ah, meu Deus. — Ela precisava dele. O corpo inteiro queimava e ela forçou as algemas, desesperada por mais contato.

Os lábios dele desceram sobre os seios de Kara, acariciando-a com a língua e mordendo gentilmente um mamilo, depois o outro. Ele deslizou um dedo para dentro dela, depois mais um,

esticando-a, abrindo-a, fazendo com que ela desejasse que a preenchesse com o pênis.

— Nossa, Kara. Você está tão molhada, tão apertada — murmurou ele sobre o mamilo, o corpo tenso contra o dela.

Sem enxergar nada e com os braços e as pernas amarrados, só o que Kara podia fazer era sentir e Simon brincava com o corpo dela como se fosse um instrumento musical. Aquilo aguçava os sentidos... a um nível quase insuportável. — Eu preciso de você. Por favor.

— Logo, querida — murmurou ele. A língua provocante desceu pelo abdômen, tremulou ligeiramente sobre o umbigo e finalmente encontrou as dobras úmidas, fazendo com que ela gritasse e estremecesse com um desejo selvagem. Os dedos abriram caminho nos pelos púbicos bem aparados, enquanto a língua talentosa deslizava pelas dobras escorregadias, penetrando cada vez mais fundo, fazendo com que ela soltasse uma série de sons curtos, urgentes e incoerentes.

Ela arqueou as costas, puxando as algemas, enquanto a boca firme e insistente de Simon circundava o clitóris ansioso até que finalmente se fechou sobre ele, mordendo-o de leve. Uma necessidade ardente a atingiu como um raio e o corpo ferveu quando ele posicionou o clitóris exposto para explorá-lo com a língua inquieta.

— Ah, pelo amor de Deus, Simon. — A voz dela estava rouca, implorando para que ele a levasse ao clímax. Cada nervo do corpo estava queimando e as entranhas contraídas de desejo com a pressão chegando a um nível quase insuportável.

Ele deslizou as mãos grandes sob as nádegas de Kara, puxando a boceta firmemente contra a boca. A pressão aumentou sobre o clitóris e Kara sentiu o clímax rasgando-a. Cada centímetro do corpo estremeceu com os espasmos, parecendo não terminar nunca. — Sim. Ah, sim. — Ela jogou a cabeça para trás e gemeu com abandono quando o corpo inteiro se incendiou. Simon lambeu o líquido que fluiu dela, murmurando de prazer com cada gota.

Kara estremeceu, sentindo a pele nua e quente contra a sua quando ele se deitou sobre ela.

A boca dele cobriu a dela e ela suspirou com o beijo, sentindo o próprio gosto em Simon. Puta merda, ela nunca sentira um orgasmo tão forte, tão intenso. Kara retribuiu, tentando fazer com que Simon entendesse o significado do que acabara de acontecer, do que ela sentira, colocando cada gota de paixão que sentia no beijo.

— Isso foi incrível — ofegou ela ao afastar a boca. Sentindo o pênis duro contra a coxa, ela se contorceu, mais do que pronta para ser possuída, sabendo que ele preencheria mais de um lugar vazio dentro dela. Em uma atitude primitiva e selvagem, ela forçou o corpo contra o dele, implorando pela posse.

— Você tem gosto de vinho fino, Kara. Eu poderia ter ficado lá o dia inteiro — murmurou ele com voz rouca e cheia de desejo. — Você é tão linda. Tão, tão linda.

— Você também, Simon. Por favor, trepe comigo — grunhiu ela, com o corpo implorando pelo dele.

— Diga que você me quer, que precisa de mim — exigiu ele em tom ríspido.

Ela sentiu a cabeça do pênis fazendo pressão na abertura apertada.

— Ah, merda. A camisinha — resmungou Simon irritado.

Ela ergueu os quadris, precisando que ele a penetrasse com tanta urgência que estava prestes a gritar. — Tomo pílula para regular a menstruação. E não tenho nada.

— Eu também não tenho nada e essa será minha primeira vez sem camisinha. Não vou durar muito tempo, mas quero você assim. Nada entre nós — advertiu ele, com a respiração pesada e quente no

pescoço dela.

— Eu não me importo. Entre em mim, Simon. Quero você demais. Preciso muito de você — implorou ela com um pequeno soluço, completamente fora de controle.

Ele empurrou os quadris para a frente e ela ficou instantaneamente preenchida. Ele era grande e fazia muito tempo que um homem não a penetrava. Simon a esticou, forçando-a a se expandir e aceitá-lo. A carne escorregadia e quente cedeu, permitindo que o membro imenso se alojasse totalmente dentro dela.

— Minha nossa, querida, você é tão apertada — gaguejou Simon, quase como se sentisse dor. — Tão quente. Você é tão gostosa, tão incrível.

— Sim — ofegou ela, completamente preenchida, totalmente tomada por Simon. O corpo grande a consumiu e dominou quando ele recuou e entrou nela novamente, encostando no ponto sensível, deixando-a cada vez mais excitada ao aumentar o ritmo. Ele investiu com os quadris, colocando uma mão sobre as nádegas de Kara para puxá-la para cima, fazendo com que a pele dos dois se encontrasse.

Na escuridão, Kara absorveu cada sensação, cada investida. Simon fazia com que o corpo dela cantasse de prazer e ela agarrou as correntes das algemas, enterrando os dedos no metal ao gritar o nome dele. O corpo de Simon batia contra o seu e ela saboreou cada investida dos quadris dele. Eles estavam cobertos de suor e moviam-se um contra o outro em uma dança erótica. Os pelos do peito de Simon esfregavam nos mamilos dela ao se mover, fazendo com que ficasse ainda mais excitada e gemesse ao mover a cabeça de um lado para o outro, sem saber se conseguiria aguentar o excesso de sensações.

— Goze para mim, Kara. Goze. Quero assistir ao seu prazer. — O sussurro sedutor a incentivou enquanto o pênis a preenchia sem parar. Cada vez mais depressa.

Assim que ele colocou a mão entre os dois corpos e acariciou-lhe o clitóris, ela explodiu quando o êxtase a invadiu. Kara viu cores brilhando na escuridão enquanto o corpo pulsava e a boceta se contraía em volta do pênis.

— Ah, meu Deus, Kara — rosnou ele. — Você é tão doce. E tão gostosa. — Ele colocou a boca sobre a de Kara ao penetrá-la uma última vez, como se quisesse possuir cada parte dela, derramando-se no interior de seu corpo com um grunhido rouco e intenso.

Os dois voltaram lentamente à realidade. Simon se afastou e rolou para o lado, repousando a cabeça no ombro dela, envolvendo-a com os braços, apertando-a possessivamente. Ela virou a cabeça, beijando o topo da cabeça dele enquanto tentava recuperar o fôlego.

O coração batia com força e ela desejou poder ver Simon naquele momento, com os cabelos desgrenhados e os olhos ainda embaçados de paixão. Ela estava sentindo-se quase destruída pela profundidade dos sentimentos. Com medo. Embriagada. Confusa. Ela não sabia como se sentir nem como reagir. O sexo nunca fora tão consumidor. O que diabos acontecera?

Simon. Simon acontecera. E ela nunca mais seria a mesma.

Ela sentiu o beijo, uma carícia leve nos lábios, antes que ele saísse da cama. Ouviu o zíper da calça sendo fechado e percebeu que ele se vestia. Alguns momentos depois, ele a soltou e retirou-lhe a venda dos olhos.

Os cabelos dele estavam adoravelmente desgrenhados e os olhos percorriam-lhe o corpo nu como se estivesse pronto para possuí-la novamente. Kara estremeceu, não só pela nudez, mas por causa do olhar torturado que viu nos olhos dele.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Obsessão do Bilionário ~ Simon: A Co..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).